

Se o espírito é imortal, significa imortalidade da alma na Bíblia

"A história oferece inúmeros exemplos: as ideias novas, ao questionar o universo cultural anterior, geram angústia diante da impressão de que tudo se derruba". (QUEIROGA).

"A única direção para a vida é a Bíblia, que cada um pode interpretar à vontade". (LUTERO).

"Deus não realizaria para nós tantas maravilhas, se com a morte do corpo acabasse também a vida da alma". (SANTO AGOSTINHO).

Introdução

Ainda existem pessoas que, buscando apoio na Bíblia, não aceitam que o espírito seja imortal, ou seja, não acreditam na imortalidade da alma e, diante disso, fazem de tudo para sustentar esse dogma. Não há sentido algum em não ter vida "após a vida"; aliás, pensamento que se alinha ao dos materialistas, mas que, estranhamente, ainda é alimentado por muitas pessoas que se dizem espiritualistas. Na verdade, por pouco elas não se igualam aos materialistas de plantão, que não acreditam em nada além da matéria.

A ideia de que a alma é imortal trata-se de uma crença antiga, basta lembrar, aqui, desse pensamento atribuído a Sócrates (469 ou 470-399 a.C.):

"A alma é insuscetível de destruição; é ela que vivifica o corpo; traz consigo a vida onde aparece. Não recebe a morte — é imortal".

Uma coisa que temos indagado é: qual seria a finalidade de estabelecermos vínculos de amor uns para com os outros, especialmente pelos nobres laços de família, se não houver vida após a morte? Se tudo se resumir a essa tênue existência, melhor que a nossa vida fosse exatamente igual à dos animais, que, em geral, depois de passado o período de amamentação, nenhum compromisso a mais eles mantêm para com sua prole. Vivem no mais exato sentido da frase "cada um por si, Deus por todos", o que, certamente, não cabe a nós, seres humanos; porquanto nos é recomendado "*amarás o teu próximo como a ti mesmo*" (Mt 22,39), cuja aplicação seria somente para a vida presente? É o que questionamos.

Outros pensam que, após a morte, ficaremos dormindo, totalmente inconscientes, aguardando o dia do juízo final, época em que os puros receberão a recompensa do reino dos céus, e os ímpios sofrerão a segunda morte no lago de fogo. Portanto, serão destruídos pela "ira" de Deus, embora isso contraste frontalmente com a ideia de um Deus como um pai amoroso, na visão que nos passou o Mestre de Nazaré. Será que ainda não leram que:

Sb 11,22-24: "O mundo inteiro diante de ti é como esse nada na balança, como gota de orvalho que da manhã cai sobre a terra. Mas te compadece de todos, pois tudo podes, fecha os olhos diante dos pecados dos homens, para que se arrependam. Sim, tu amas tudo o que criaste, não te aborreces com nada do que fizeste; se alguma coisa tivesses odiado, não as terias feito".

Por outro lado, a destruição ou o castigo eterno são, frontalmente, contrários ao que se afirma, nestas três passagens:

Jó 35,6-8: "Se você pecar, que mal estará fazendo a Deus? Se você amontoa crimes, que danos está causando para ele? E se você é justo, o que é que está dando a ele? O que é que ele recebe de sua mão? Sua maldade só pode afetar outro homem igual a você. Sua justiça só atinge outro ser humano como você". (Bíblia Sagrada –

Pastoral).

Sl 103,8-10: *“O Senhor é misericordioso e compassivo; longânimo e assaz benigno. Não repreende perpetuamente, nem conserva para sempre a sua ira. Não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui consoante as nossas iniquidades”*. (A Bíblia Anotada).

Rm 8,38-39: *“Estou convencido de que nem a morte nem a vida, nem os anjos nem os principados, nem o presente nem o futuro, nem os poderes nem as forças das alturas ou das profundidades, nem qualquer outra criatura, nada nos poderá separar do amor de Deus, manifestado em Jesus Cristo, nosso Senhor”*. (Bíblia Sagrada – Pastoral).

Interessante é que essa fala de Jó (35,6-8), era também a crença dos saduceus, conforme nos informa Flávio Josefo (37-103 d.C.), autor de *História dos Hebreus*, que viveu nos tempos do cristianismo primitivo:

Os saduceus, ao contrário, negam absolutamente o destino e creem que, como Deus é incapaz de fazer o mal, Ele não se incomoda com o que os homens fazem. Dizem que está em nós fazer o bem ou o mal, segundo nossa vontade nos leva a um ou a outro e as almas, não são nem castigadas nem recompensadas num outro mundo. (JOSEFO, 2003, p. 556) (grifo nosso).

Informamos que os textos bíblicos, base de nosso estudo, quando não citados outra fonte, foram tomados da *Bíblia de Jerusalém*, pelo motivo de sua tradução ser a mais recomendada pelos estudiosos bíblicos. Eventualmente usaremos textos de outras versões bíblicas, quando a tradução for mais adequada para uma melhor compreensão do texto bíblico. Um ponto importante a favor dessa tradução é que ela foi realizada por uma equipe de exegetas católicos e protestantes e por um grupo de revisores literários. Ressaltaremos, em negrito, algumas partes dos textos bíblicos visando realçar aquilo que julgamos importante para o objetivo de nosso estudo.

Em busca da solução

Cada vez que lemos os argumentos dos que dizem não ser a alma imortal, ficamos pensando como é plenamente válida a afirmativa de que acreditamos naquilo que queremos ou, no máximo, no que o nosso conhecimento, ainda que errôneo, suporta; além disso, nem mais um milímetro.

Ao que tudo indica, antigamente julgava-se que só os deuses eram imortais, como consequência disso o homem, por muito tempo, que não logramos precisar, não acreditou que ele mesmo fosse um ser imortal.

Como não poderia deixar de ser, o próprio Livro Sagrado do povo hebreu, que acabou por se tornar base também da teologia do cristianismo, dá-nos essa ideia. Na Bíblia, “a doutrina da imortalidade da alma só aparece claramente no livro Sabedoria, ou seja, um século, pelo menos, depois da redação do Eclesiastes” (Bíblia Sagrada - Ave Maria, p. 819) que, por sua vez, tem no século III a.C. a data da composição mais verossímil (Bíblia de Jerusalém, p. 1071).

Acreditamos que qualquer pesquisador perspicaz, e, necessariamente, não compromissado com os dogmas instituídos pelos teólogos de outrora, perceberá mesmo que a crença na imortalidade foi lentamente sendo incorporada ao conceito religioso dos judeus. Para se ter uma noção de que isso é verdade, basta verificar que, sendo os Dez Mandamentos o código divino por excelência, nada existe nele de retribuição ou penalidade para uma vida após a morte. Tudo quanto lá se encontra são coisas para situações terrenas, já que, nessa época, ainda não se tinha a menor ideia da vida futura, após a morte.

Quando, por exemplo, queriam afirmar que alguém estava “nas graças de Deus”, atribuíam-no um longo tempo de vida aqui na terra. O que podemos tranquilamente confirmar com o fato de conferir extraordinário período vivencial a várias pessoas, como, entre outros, aos seguintes personagens: Adão 930 anos; Sete 912 anos; Enos 905 anos; Cainã 910 anos; Noé 950 (Gn 5,9).

Deve-se entender isso apenas como um estilo de linguagem, já que não há como aceitar essas idades citadas ao pé da letra, até mesmo porque o tempo estabelecido pelo próprio Deus, para a vida de um homem na carne, foi de 120 anos (Gn 6,3). O curioso é que todos os personagens aos quais dão "longa vida" são homens, não aparece nenhuma mulher, evidenciando o machismo do deus hebreu. Inclusive, o ritual de iniciação religiosa, como sabemos, era o da circuncisão, realizada, obviamente, em homens.

Mas é certo que, ao tempo de Jesus, havia essa crença, conforme poder-se-á confirmar em Josefo. Segundo esse historiador hebreu, os fariseus e os essênios tinham a alma como imortal; apenas os saduceus não comungavam com tal ideia, pois eram da opinião de que a alma morria juntamente com o corpo, e, em virtude disso, não havia recompensa nem castigo num outro mundo (JOSEFO, 2003, p. 416 e 556).

Tentaremos desenvolver esse estudo visando encontrar uma possível conclusão definitiva, se não, pelo menos, que possamos ter algum ponto para podermos retirar da Bíblia a ideia de que o espírito é imortal. Sabemos não é tarefa fácil, pois o trabalho de pesquisa é volumoso, mas, de qualquer forma, vamos arriscar-nos.

O primeiro ponto a ser verificado seria o de demonstrar a existência do espírito, para depois verificarmos se ele é imortal ou não. Vamos fazer algumas análises para desvendar esse "mistério".

Inicialmente, devemos informar que poderão surgir citações que podem parecer que não têm nada a ver com o caso em questão, mas nos comentários que faremos no desenrolar do trabalho, ou na pior das hipóteses na conclusão, ver-se-á a relação com o tema. Muitas vezes uma coisa isolada do conjunto pode nos dar uma falsa ideia daquilo que realmente é, por isso torna-se necessário, aos que se interessarem por esse nosso assunto, serem pacientes para poderem ir até ao final desse estudo.

Gn 1,26-27: "Deus disse: 'Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança e que eles dominem sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra'. Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou".

Seria interessante perguntar-se: qual é a imagem de Deus pela qual nos tornamos semelhante a Ele? Deus possui um corpo? Jesus responderá por nós: *"Deus é espírito"* (Jo 4,24). Ora, isso só pode nos levar à conclusão de que a nossa semelhança com Deus é exatamente o ser espiritual que somos. Na verdade cada um de nós é um Espírito que está, temporariamente, aprisionado no corpo físico, conforme veremos um pouco mais adiante. Perguntamos ainda: o espírito ou o corpo, qual dos dois seria o mais importante? Apelaremos novamente para a sabedoria de Jesus: *"O Espírito é que vivifica a carne de nada serve"* (Jo 6,63).

Gn 2,7: "Então Iahweh Deus modelou o homem com argila do solo insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente".

Os tradutores nos informam a respeito da palavra vivente, o seguinte: *"É o termo nefesh, que designa o ser animado por um sopro vital (manifestado também pelo "espírito", ruah: 6,17+; Is 11, 2+; cf. Sl 6, 5+)"* (Bíblia de Jerusalém, p. 36). Significando, segundo podemos concluir, que o homem também possui um espírito.

Por outro lado, quando se diz que Deus tomou a argila do solo, da qual modelou o homem, insuflando-lhe, nas narinas, um hálito de vida, o que faz com que, a partir daí, se torne um ser vivente (Gn 2,7), os que interpretam isso ao pé da letra não admitem que, neste momento, o que Deus fez foi justamente "colocar" o espírito no homem físico. Mas se não for isso, o que poderemos entender da afirmativa de que Deus tenha criado o homem à Sua imagem e semelhança (Gn 1,27)? Certamente que o "um hálito" – ou "um sopro" em algumas traduções – deve ser entendido por espírito, o que pode ser facilmente comprovado, pois *"quem dá inteligência é um espírito no homem, o sopro do Todo-poderoso"*. (Jó 32,8) (Bíblia Sagrada – Pastoral) e, conforme se afirma, foi Deus que *"formou o espírito do homem dentro dele"* (Zc 12,1).

Nenhuma dúvida poder-se-ia ter, ainda mais quando, para corroborar essa ideia,

podemos ainda ler: *"Assim diz o Deus Javé, que criou o céu e o estendeu; que firmou a terra e tudo o que ela produz; ele dá respiração ao povo que nela habita e o espírito aos que sobre ela caminham"*. (Is 42,5) (Bíblia Sagrada – Pastoral) e *"Todos levam o teu espírito incorruptível!"*. (Sb 12,1).

Gn 27,4: *"Faze-me um bom prato, como eu gosto e traze-mo, a fim de que eu coma e minha alma te abençoe antes que eu morra"*. (fala de Jacó).

Gn 27,19: *"Jacó disse a seu pai: 'Sou Esaú, teu primogênito; fiz o que me ordenaste. Levanta-te, por favor, assenta-te e come de minha caça, a fim de que tua alma me abençoe'"*. (fala de Jacó).

Gn 27,25: *"Isaac retomou: 'Serve-me e que eu coma da caça de meu filho, a fim de que minha alma te abençoe'. [...]"*. (fala de Isaac).

Gn 27,31: *"Também ele preparou um bom prato e trouxe a seu pai. Ele lhe disse: 'Que meu pai se levante e coma da caça de seu filho, a fim de que tua alma me abençoe!'"*) fala de Esaú).

As expressões "minha alma" e "tua alma", nesses passos, é algo importante, pois não há como o termo alma, neles empregado, não signifique senão o espírito encarnado, portanto, demonstra-se com isso a crença na existência no homem de alguma coisa além do corpo físico. Utilizando essas expressões, ainda podemos citar as seguintes passagens:

Sl 31,9: *"Compadece-te de mim, Senhor, porque me sinto atribulado; de tristeza os meus olhos se consomem, e a minha alma e o meu corpo"*. (Bíblia Shedd)

Sl 42,5: *"Por que estás abatida ó minha alma? Por que te perturbas dentro de mim? Espera em Deus, pois ainda o louvarei, a ele, meu auxílio e Deus meu"*. (Bíblia Shedd).

Sl 44,25: *"Pois a nossa alma está abatida até ao pó, e o nosso corpo, como que pegado no chão"*. (Bíblia Shedd).

Fica, cada vez mais clara essa ideia de que temos um espírito ou alma, conforme queiramos denominar a parte espiritual que existe em nós.

Gn 35,18: *"No momento de entregar a alma, porque estava morrendo, ela [Raquel] o chamou Benôni, mas seu pai o chamou Benjamim"*.

Nesse passo, temos um tiro mortal na ideia de que não existe espírito ou alma, é tão nítido, que ficamos perplexos pelo fato de algumas pessoas não verem (se bem que é mais provável é que elas não querem ver). Com a morte, chega o momento de entregar a alma, melhor do que isso não seria preciso para demonstrar a existência do espírito; porém, é preciso esclarecer: *"não é a partida do Espírito que causa a morte do corpo; esta é que determina a partida do Espírito"*. (KARDEC, 1995, p. 215).

Nm 16,22: *"Eles [Moisés e Aarão], porém, prostraram-se com a face em terra e clamaram: 'Ó Deus, Deus dos espíritos que vivificam toda a carne, irritar-te-ias contra toda a comunidade quando um só pecou?'"*

Nm 27,16-17: *"Que Iahweh, Deus dos espíritos que animam toda carne, estabeleça sobre esta comunidade um homem que saia e entre à frente dela e que faça sair e entrar, para que a comunidade de Iahweh não seja como um rebanho sem pastor"*.

Podemos ver que Moisés e seu irmão Aarão, que foi o primeiro sumo sacerdote dos hebreus (Ex 28,1-5), tinham certeza da realidade do espírito, e nos vêm agora dizer que ele não existe ou irão justificarem-se argumentando que esses personagens não eram inspirados por Deus?

Dt 4,29: *"De lá, então, irás procurar Iahweh teu Deus, e o encontrarás, se o procurares com todo o teu coração e com toda a tua alma"*.

Dt 6,5: *"Portanto, amarás a Iahweh teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua força"*.

A expressão *"com todo o teu coração e com toda a tua alma"* será usada inúmeras vezes em outros passos, como, por exemplo, em Dt 10,12; 11,13; 13,4; 26,16; 30,2.6.10; Js 22,5; 2Rs 23,3.25; 1Cr 22,19; 2Cr 6,38; 15,12; 34,31, que seria fastidioso repeti-la, transcrevendo todos os textos, por isso deixemos esses dois acima como exemplos.

Temos aqui novamente o uso do termo *"alma"*, que, conforme já o dissemos, deve ser entendido como espírito encarnado. A expressão poderia ser dita dessa forma: *"com todo o seu corpo e com todo o seu espírito"*, pois é exatamente essa a ideia que ela nos transmite.

Mas não adianta ficar muito preso ao Antigo Testamento; temos que ir além, para que o véu seja retirado com Jesus (2Cor 3,14), que disse *"Deus é espírito"* (Jo 4,24); portanto, a única semelhança que, realmente, podemos ter para com Deus é na questão do Espírito; até porque ele é *"Deus dos espíritos de todos os seres vivos!"* (Nm 16,22; 27,16) (Bíblia Sagrada - Pastoral); e disso haveremos de admitir que todos os seres vivos têm um espírito. Isso, inclusive, pode ser confirmado pela passagem que diz: *"Que toda a criação sirva a ti, porque ordenaste, e os seres existiram. Enviaste o teu espírito, e eles foram feitos"* (Jt 16,14) (Bíblia Sagrada - Pastoral).

Numa passagem em que se condena o divórcio, que embora nada tenha a ver com o nosso assunto, mas que irá nos ajudar a entender, encontramos o seguinte trecho: *"Por acaso, Deus não fez dos dois [o homem e a mulher] um único ser, dotado de carne e espírito?"* (Mt 2,15) (Bíblia Sagrada - Pastoral). Isso vem comprovar que nós, os seres humanos, não somos somente carne e nem só espírito, mas que, quando encarnados, somos ambos ao mesmo tempo. Mas qual dos dois será o mais importante? A resposta temos, novamente, em Jesus, que afirmou: *"O espírito é que vivifica, a carne para nada serve"* (Jo 6,63). Portanto, podemos concluir que *"o corpo sem o espírito está morto"* (Tg 2,26) (Bíblia Sagrada - Vozes), o que, realmente, é uma afirmativa coerente.

Numa importante recomendação, a todos nós, Jesus disse: *"Vigiai e orai, para que não entreis em tentação, pois o espírito está pronto, mas a carne é fraca"* (Mt 26,41; Mc 14,38), mostrando-nos, indubitavelmente, que temos um espírito em "luta" permanente com a carne.

Lc 8,40-42.49-55: *"Ao voltar, Jesus foi acolhido pela multidão, pois todos o esperavam. Chegou então um homem chamado Jairo, chefe da sinagoga. Caindo aos pés de Jesus, rogava-lhe que entrasse em sua casa, porque sua filha única, de mais ou menos doze anos, estava à morte. Enquanto ele se encaminhava para lá, as multidões se aglomeravam a ponto de sufocá-lo. Ele ainda falava, quando chegou alguém da casa do chefe da sinagoga e lhe disse: 'Tua filha morreu; não perturbes mais o Mestre'. Mas Jesus, que havia escutado, disse-lhes: 'Não temas; crê somente, e ela será salva'. Ao chegar à casa, não deixou que entrassem consigo senão Pedro, João e Tiago, assim como o pai e a mãe da menina. Todos choravam e batiam no peito por causa dela. Ele disse: 'Não choreis! Ela não morreu; dorme'. E caçoavam dele, pois sabiam que ela estava morta. Ele, porém, tomando-lhe a mão, chamou-a dizendo: 'Criança, levanta-te!' O espírito dela voltou e, no mesmo instante, ela ficou de pé. E ele mandou que lhe dessem de comer"*.

Aqui devemos chamar a atenção para a particularidade *"o espírito dela voltou e, no mesmo instante, ela ficou de pé"*, mostrando que é mesmo *"o espírito é que vivifica"* (Jo 6,63). E daqui já começamos a perceber que chamavam espírito a parte do ser que sobrevive à morte do corpo físico.

Outras passagens que provam que temos um espírito:

2Rs 2,14-15: *"Tomou o manto de Elias que havia caído dele e bateu com ele nas águas, dizendo: 'Onde está Iahweh, o Deus de Elias?' Bateu também nas águas, que se dividiram de um lado e de outro, e Eliseu atravessou o rio. Os irmãos profetas de Jericó viram-no a distância e disseram: 'O espírito de Elias repousou sobre Eliseu!', vieram ao seu encontro e se prostram por terra, diante dele"*.

2Rs 5,26: *"Mas Eliseu lhe disse: 'Acaso meu espírito não estava presente quando alguém saltou do seu carro ao teu encontro? Agora que recebeste o dinheiro, podes comprar com ele jardins, olivais e vinhas, ovelhas, bois, servos e servas'".*

1Cr 28,9: *"E tu, Salomão, meu filho, conhece a Deus de teu pai e serve-o de todo o coração, com ânimo disposto, pois Iahweh sonda todos os corações e penetra os desígnios do espírito. Se o procurares, ele se deixará encontrar por ti, mas se o abandonares, ele te rejeitará para sempre".*

Jó 12,10: *"Em sua mão está a alma de todo ser vivo, e o espírito de todo homem carnal".*

Jó 26,4: *"Com a ajuda de quem proferes tais palavras? E de quem é o espírito que fala em ti?" (Bíblia Shedd)*

Jó 27,8: *"Porque qual será a esperança do ímpio, quando lhe for cortada a vida, quando Deus lhe arrancar a alma?" (Bíblia Shedd)*

Jó 32,8: *"Mas é o espírito no homem, o alento de Shaddai que dá inteligência".*

Jó 33,4: *"Na verdade, há um espírito no homem, e o sopro do Todo-poderoso o faz entendido". (Bíblia Anotada – Mundo Cristão)*

Jó 34,14-15: *"Se ele retirasse o seu sopro e fizesse voltar a si o espírito do homem, toda a carne pereceria no mesmo instante, e o homem voltaria ao pó". (Bíblia Sagrada – Santuário).*

Eclo 34,13-15: *"Muitas vezes estive em perigo de morte, eis como fui salvo: viverá o espírito daqueles que temem o Senhor, porque a sua esperança está em quem os pode salvar".*

Is 26,9: *"Minha alma suspira por ti de noite, sim, no meu íntimo, meu espírito te busca, pois quando teus julgamentos se manifestam na terra, os habitantes do mundo aprendem a justiça".*

Br 3,1: *"Senhor todo-poderoso, Deus de Israel: é uma alma angustiada, um espírito perturbado que clama a ti".*

Zc 12,1: *"Palavra de Iahweh sobre Israel. Oráculo de Iahweh, que estendeu o céu e fundou a terra, que formou o espírito do homem dentro dele".*

1Cor 2,11: *"Quem, pois, dentre os homens conhece o que é do homem, senão o espírito do homem que nele está. Da mesma forma, o que está em Deus, ninguém o conhece senão o Espírito de Deus".*

A passagem Jó 32,8, na versão da Editora Mundo Cristão, se lê: *"Na verdade, há um espírito no homem, e o sopro do Todo-poderoso o faz entendido".* Fato que confirma a existência no homem de um espírito, aquela parte que vai para o mundo espiritual. Também, vemos, novamente, a questão de relacionarmos "o sopro de Deus" com o espírito que habita no homem, o que volta a Deus. Poderia ter agora algum outro significado para você, caro leitor, o: *"o que é nascido do Espírito, é espírito"* (Jo 3,6)?

A morte, na verdade, é apenas o momento em que o espírito separa-se do corpo, segundo podemos deduzir dos passos: *"Jesus deu um forte grito: 'Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito'. Dizendo isso, expirou".* (Lc 23,46) e *"E apedrejaram Estevão, enquanto ele dizia esta invocação: 'Senhor Jesus, recebe meu espírito'".* (At 7,59). Morre o corpo, mas o que acontecerá com o espírito? Essa é uma pergunta assaz difícil de responder, se não buscarmos levar em conta os conceitos de época.

Vejamos que, embora não tivessem plena certeza a respeito do futuro do espírito, uma coisa lhes era certa: que a morte ocorria apenas ao corpo físico. Passagens nas quais podemos perceber isso:

Sl 146,4: *"Exalam o espírito e voltam à terra e no mesmo dia perecem seus planos!".*

Ecl 12,7: *"E o pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu". (A Bíblia Anotada).*

Sb 16,14: *"O homem, ainda que em sua maldade possa matar, não pode fazer voltar o espírito exalado nem libertar a alma no Hades recolhida".*

Eclo 38,23: *"Desde que o morto repousa, deixe repousar a sua memória, consola-te quando seu espírito partir"*

Em todas elas, o fato é que tinham convicção de que o espírito saía do corpo; este, sim, é que morria e tornava-se repasto aos vermes. A incerteza ficava apenas por conta do que iria acontecer com o espírito. Quem fala em corpo ou carne mortal (ver os textos logo abaixo) é porque acredita que, no homem, há uma outra coisa que não seja material; quer dizer, crê existir um princípio imortal; esse, para nós, não é outra coisa senão o espírito.

Com relação ao passo Ecl 12,7, no trecho "o espírito volte a Deus", em algumas bíblias lê-se "o sopro volte a Deus"; porém podemos ficar com as explicações dos tradutores:

Aquele elemento, no homem, que veio da terra deve voltar para lá. Já que não há nada na terra que possa satisfazer ao homem, deve-se concluir que este não provém totalmente da terra, e por isso, aquilo que vem de Deus a ele retornará. (Bíblia de Jerusalém, p. 1084).

Ora, o que em nós, que vem de Deus, a não ser o nosso espírito? Alguém poderá objetar e dizer: é a vida, mas Jesus não disse que *"O Espírito é que vivifica"* (Jo 6,63), ou seja, o espírito é que é o sopro da vida. Tiago, percebendo isso, diz: *"... o corpo sem o sopro da vida é morto,..."* (Tg 2,26). Se não for assim, não existiremos após a morte, nem mesmo para aguardar o dia do juízo como dizem alguns.

Rm 6,12: *"Portanto, que o pecado não impere mais em vosso corpo mortal, sujeitando-vos às suas paixões".*

Rm 8,3: *"Deus tornou possível aquilo que para a Lei era impossível, porque os instintos egoístas a tornaram impotente. Ele enviou seu próprio Filho numa condição semelhante à do pecado, em vista do pecado, e assim condenou o pecado na sua carne mortal".* (Bíblia Sagrada – Pastoral).

Cl 1,22: *"Mas, agora, pela morte, ele vos reconciliou no seu corpo de carne, entregando-o à morte para diante dele vos apresentar santos, imaculados e irrepreensíveis".*

1Pe 4,6: *"Por que o Evangelho foi anunciado também aos mortos? A fim de que eles vivam pelo Espírito a vida de Deus, depois de receberem, na sua carne mortal, a sentença comum a todos os homens".* (Bíblia Sagrada – Pastoral).

Vejamos, primeiramente, no Antigo Testamento passos nos quais fica evidente a crença na imortalidade da alma, consequência de quem acredita que o espírito é imortal:

2Mc 7,7-9: *"Tendo passado o primeiro desta forma à outra vida trouxeram o segundo para o suplício. Tendo-lhe arrancado a pele da cabeça com os cabelos, perguntaram-lhe: 'Queres comer, antes que teu corpo seja torturado membro por membro?' Ele, porém, na língua de seus pais, respondeu: 'Não!' Por isso, foi também submetido aos mesmos tormentos que o primeiro. Chegado já ao último alento, disse: 'Tu, celerado, nos tiras desta vida presente. Mas o Rei do mundo nos fará ressuscitar para uma vida eterna, a nós que morremos por suas leis!'".*

2Mc 7,14: *"Estando ele já próximo a morrer, assim falou: 'É desejável passar para a outra vida às mãos dos homens, tendo da parte de Deus as esperanças de ser um dia ressuscitado por ele. Mas para ti, ao contrário, não haverá ressurreição para a vida!'".*

2Mc 7,36: *"Nossos irmãos, agora, depois de terem suportado uma aflição momentânea*

por uma vida inexaurível, já caíram na Aliança de Deus”.

O rei selêucida Antíoco Epifanes, que subiu ao poder em 175 a.C., mandou supliciar e matar os sete irmãos macabeus, inclusive a mãe deles, pelo motivo de terem desobedecido a sua ordem de comerem carne de porco, conforme narrado no capítulo 7, do segundo livro de Macabeus. Todos eles morreram dignamente defendendo sua fé, cumprindo a determinação de Moisés de comer esse tipo de carne, e, também, demonstrando uma firme crença numa vida após a morte, uma vida que não pode se esgotar, isso em outras palavras, quer dizer imortalidade da alma.

Sobre o livro de Macabeus, informam-nos os tradutores:

O livro é importante pelas afirmações que contém sobre a ressurreição dos mortos (ver a nota a respeito de 7,9; 14,46), as sanções de além-túmulo (6,26), a prece pelos defuntos (12,41-46 e a nota), o mérito dos mártires (6,18-7,41) e a intercessão dos santos (15,12-16 e a nota). Estes ensinamentos, referentes a pontos que os outros escritos do Antigo Testamento deixavam incertos, justificam a autoridade que a Igreja lhe reconheceu. (Bíblia de Jerusalém, p. 717) (grifo nosso).

Das passagens citadas nessa nota, há uma bem interessante ao nosso estudo; é a seguinte:

2Mc 12,41-46: “Todos, pois, tendo bendito o modo de proceder do Senhor, justo Juiz que torna manifestas as coisas escondidas, puseram-se em oração para pedir que o pecado cometido fosse completamente cancelado. E o valoroso Judas exortou a multidão a se conservar isenta de pecado, tendo com os próprios olhos visto o que acontecera por causa do pecado dos que haviam tombado. Depois, tendo organizado uma coleta, enviou a Jerusalém cerca de duas mil dracmas de prata, a fim de que se oferecesse um sacrifício pelo pecado: agiu assim absolutamente bem e nobremente, com o pensamento na ressurreição. De fato, se ele não esperasse que os que haviam sucumbido iriam ressuscitar, seria supérfluo e tolo rezar pelos mortos. Mas, se considerava que uma belíssima recompensa está reservada para os que adormecem na piedade, então era santo e piedoso o seu modo de pensar. Eis por que ele mandou oferecer esse sacrifício expiatório pelos que haviam morrido, a fim de que fossem absolvidos do seu pecado”.

Vê-se, portanto, que a crença na ressurreição dos mortos, implica em ter uma vida após a morte, que, na pior das hipóteses, aconteceria somente para os que agradavam a Deus.

Agora, vejamos no Novo Testamento:

Mt 25,46: “E irão estes para o castigo eterno enquanto os justos irão para a vida eterna”.

Jo 3,16: “Pois Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho único, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha vida eterna”.

Jo 5,24-25: “Em verdade, em verdade vos digo: quem escuta a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna e não vem a julgamento, mas passou da morte à vida. Em verdade, em verdade, vos digo: vem a hora – e é agora – em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que o ouvirem, viverão”.

Jo 10,27-28: “As minhas ovelhas escutam a minha voz, eu as conheço e elas me seguem; eu lhes dou a vida eterna e elas não perecerão, e ninguém as arrebatará de minha mão”.

Para se ter vida eterna, seja na presença de Deus ou, supostamente, em algum lugar de tormentos, deve-se pressupor que isso só acontecerá se houver imortalidade. E essa imortalidade é do espírito, não do corpo, conforme já afirmamos, anteriormente, que é a parte do ser humano que *“tu és pó e ao pó tornarás”* (Gn 3,19).

Mas essa incerteza ainda leva alguns a dizerem que, depois da morte física, o espírito fica dormindo, usando-se de passagens bíblicas pela literalidade, como, por exemplo, as seguintes que tomamos da "Bíblia Evangélica", constante do CD-Rom *Livros Sagrados 2*:

1Rs 2,10: *"Depois Davi dormiu com seus pais, e foi sepultado na cidade de Davi"*.

1Rs 11,43: *"E Salomão dormiu com seus pais, e foi sepultado na cidade de Davi,..."*.

1Rs 14,20: *"E o tempo que Jeroboão reinou foi vinte e dois anos. E dormiu com seus pais;..."*.

1Rs 14,31: *"E Roboão dormiu com seus pais, e foi sepultado com eles na cidade de Davi..."*.

1Rs 15,8: *"Abião dormiu com seus pais, e o sepultaram na cidade de Davi..."*.

A palavra "dormiu" aparece por 36 vezes [1], concentrando, sua maioria, no livro dos Reis (I e II) e no de Crônicas (II); mas será realmente que ela tem o sentido literal de dormir? Se alguém usasse uma dessas expressões: "abotoou o paletó", "apagou", "bateu as botas", "comeu capim pela raiz", "empacotou", "espichou as canelas", "vestiu paletó de madeira", "virou presunto", o que se entenderia? Iríamos tomá-las ao pé da letra ou entendê-las no sentido figurado? A resposta indicará como deveremos interpretar alguns termos que constam na Bíblia.

Há, ainda, os que tomam da seguinte passagem para justificar a inconsciência do espírito após a morte:

Ecl 9,5-6.10: *"Os vivos sabem ao menos que morrerão; os mortos, porém, não sabem nada. Não há para eles retribuição, uma vez que sua lembrança é esquecida. Seu amor, ódio e ciúme já pereceram, e eles nunca mais participarão de tudo o que se faz debaixo do sol. Tudo o que te vem à mão para fazer, faze-o conforme a tua capacidade, pois, no Xeol para onde vais, não existe obra, nem reflexão, nem conhecimento e nem sabedoria"*.

Apesar de ser, incontestavelmente, uma visão materialista, mesmo assim, daí tomam que os mortos, habitantes do Xeol, não têm consciência de nada; porém, deveriam também tomar, para serem mais coerentes com tudo que se diz nela, que os mortos não terão recompensa, apesar de contrariar o que Jesus pregou: *"a cada um de acordo com o seu comportamento"* ou *"a cada um segundo suas obras"* (Mt 16,27), conforme outras traduções. Fácil identificar no autor dela um saduceu, já que, com esse pensamento, se iguala aos desse grupo religioso.

Sobre a crença no Xeol (=hades, inferno), habitação dos mortos, temos as seguintes informações:

Xeol. Palavra de origem desconhecida, que designava as profundezas da terra (Dt 32,22; Is 14,9 etc.), onde os mortos "descem" (Gn 37,35; 1Sm 2,6 etc.) e onde bons e maus se confundem (1Sm 28,29; Sl 89,49; Ez 32,17-32) e têm sobrevivência apagada (Ecl 9,10), e onde Deus não é louvado (Sl 6,6; 88,6.12-13; 115,19; Is 38,18). Contudo, o poder do Deus vivo (cf. Dt 5,26+) se exerce mesmo nesta habitação desolado (1Sm 2,6; Sb 16,13; Am 9,2). A doutrina das recompensas e das penas de além-túmulo e a da ressurreição, preparadas pela esperança dos salmistas (Sl 16,10-11; só aparecem claramente no fim do Antigo Testamento (Sb 3,5 em ligação com a crença na imortalidade, ver Sb 3,4+; 2Mc 12,38+) (Bíblia de Jerusalém, p. 227-228) (grifo nosso).

Habitação dos mortos: expressão frequente que traduz o vocábulo hebraico Cheol. Os antigos hebreus não tinham, da vida futura, uma ideia tão clara como nós. Para eles, a alma separada do corpo permanecia num lugar obscuro, de tristeza e esquecimento, em que o destino dos bons era confundido com o dos maus. Donde a necessidade de uma retribuição

¹ Gn 47,30; 2Sm 7,12; 1Rs 1,21; 2,10; 11,43; 14,20.31; 15,8.24; 16,6.28; 22,40.50; 2Rs 8,24; 10,35; 13,9.13; 14,16.29; 15,7.22.38; 16,20; 20,21; 21,18; 24,6; 2Cr 9,31; 12,16; 14,1; 16,13; 21,1; 26,23; 27,9; 28,27; 32,33; 33,20; At 13,36.

terrestre para os atos humanos. (Bíblia Sagrada Ave Maria, p. 660) (grifo nosso).

E, quanto à questão da não imortalidade, pegam para justificá-la, entre outros, o seguinte passo: *“O homem não pode ter tudo, pois o ser humano não é imortal”* (Eclo 17,25) (Bíblia Sagrada - Pastoral). Certamente que, nessa passagem, o autor estava se referindo ao homem físico; esse, sim, não é mesmo imortal, volta ao pó. Vimos, um pouco atrás, vários autores bíblicos separando as duas coisas, como, por exemplo: *“Então o pó volta para a terra de onde veio, e o sopro vital retorna para Deus que o concedeu”* (Ecl 12,7) (Bíblia Sagrada - Pastoral), onde o “sopro vital” significa espírito, conforme já o dissemos.

Há ainda uma outra passagem em que se agarram para negar a imortalidade do espírito, que é aquela onde está dito que Jesus é o único que tem a imortalidade (1Tm 6,16). Entretanto, mais tarde, Paulo, explicando melhor seu pensamento, disse: *“Foi manifestada agora pela Aparição de nosso Salvador, o Cristo Jesus. Ele não só destruiu a morte, mas também fez brilhar a vida e a imortalidade pelo Evangelho”* (2Tm 1,10). Fora a questão de que Jesus sempre se igualou a nós, é fácil perceber que a razão de tal afirmativa se encontra na questão de que o viram voltando do mundo dos mortos; daí atribuírem apenas a ele essa condição. Pelo conhecimento que detinham à época, não era de se esperar outra coisa além disso.

Vamos trazer outras passagens para comprovação da imortalidade do nosso espírito.

Primeiramente, há uma em que se apoiam para dizer que a comunicação com os mortos é proibida. Está em Dt 18,9-11: *“Não se achará em ti quem faça passar seu filho ou sua filha pelo fogo, nem adivinhador, nem feiticeiros, nem agoureiro, nem cartomante, nem bruxo, nem mago, nem quem consulte o necromante e o adivinho, nem quem exija a presença dos mortos”*. (SILVA, 2001, p. 75).

A necromancia, entendida pelo que faziam àquela época, consistia na evocação dos mortos para fins de adivinhação; e todas as proibições contidas nesse passo se resumem exatamente neste ponto. A própria proibição atesta que, de fato, os mortos se comunicavam, porquanto, não há sentido algum em se proibir o que não acontece. Veremos, que, na sequência do texto até o final desse capítulo, o assunto é relativo ao suposto desejo de Deus de que as pessoas somente consultassem a Ele, já não havia dito que era um Deus ciumento (Ex 20,5). Portanto, existia, sim, a crença na comunicação com os mortos; por consequência, a manifestação deles prova que o espírito sobrevive à morte física, o que, conseqüentemente, nos leva a aceitar que ele é imortal e que, além disso, permanece consciente após a morte física.

No Antigo Testamento há, ainda, uma outra passagem que deixa isso claro; é a que provoca, nos contrários a essa ideia, um verdadeiro malabarismo exegético para, justamente, tirar dela a realidade da comunicação com os mortos. Estamos falando de 1Sm 28,3-20, onde se relata o episódio em que o rei Saul vai a Endor em busca de uma mulher que consultava os mortos, uma necromante, à qual solicita evocar o espírito Samuel. Este atende à evocação, e faz uma profecia a Saul, dizendo-lhe que viria a morrer na guerra contra os filisteus, juntamente com seus filhos. Fato reconhecido como verdadeiro pelo autor de Eclesiástico que, falando de Samuel, disse: *“Até depois de morrer profetizou, anunciou ao rei seu fim; do seio da terra elevou a voz, profetizando para apagar a iniquidade do povo”*. (Eclo 46,20). É um relato histórico que não poderá ser negado pelos que não atribuem a esse livro um valor canônico.

Eis a narrativa:

1Sm 28,3-20: *“Samuel tinha morrido, e todo o Israel o tinha lamentado, e o sepultaram em Ramá, sua cidade. Saul havia expulsado da terra os necromantes e os adivinhos. Entretanto, os filisteus se reuniram e vieram acampar em Sunam. Saul reuniu todo o Israel e acamparam em Gelboé. Quando Saul viu o exército dos filisteus acampado, encheu-se de medo e o seu coração se perturbou. Saul consultou Iahweh, mas Iahweh não lhe respondeu, nem por sonho, nem pela sorte, nem pelos profetas. Saul disse então aos seus servos: 'Buscai-me uma mulher que pratique a adivinhação para que eu lhe fale e a consulte. E os servos lhe responderam: 'Há mulher que pratica a adivinhação em Endor'. Então Saul disfarçou-se, vestiu outra*

roupa e, de noite, acompanhado de dois homens, foi ter com a mulher, e lhe disse: "Peço-te que pratiques para mim a adivinhação, evocando para mim que eu te disser". A mulher, porém, lhe respondeu: 'Tu bem sabes o que fez Saul, expulsando o país os necromantes e adivinhos. Por que me armas uma cilada para que eu seja morta?' Então Saul jurou-lhe por Iahweh, dizendo: 'Pela vida de Iahweh, nenhum mal te acontecerá por causa disso'. Disse a mulher: 'A quem chamarei para ti?' Ele respondeu: 'Chama Samuel'. Então a mulher viu Samuel e, soltando um grito medonho, disse a Saul: 'Por que me enganaste? Tu és Saul!' Disse-lhe o rei: 'Não temas! Mas o que vês?' E a mulher respondeu a Saul: 'Vejo um deus que sobe da terra'. Saul indagou: 'Qual é a aparência?' A mulher respondeu: 'É um velho que está subindo; veste um manto'. Então, Saul viu que era Samuel e, inclinando-se com o rosto no chão prostrou-se. Samuel disse a Saul: 'Por que perturbas o meu descanso evocando-me?' Saul respondeu: 'É que estou em grande angústia. Os filisteus guerreiam contra mim, Deus se afastou de mim, não me responde mais, nem pelos profetas nem por sonhos. Então vim te chamar para que me digas o que tenho de fazer'. Respondeu Samuel: 'Por que me consultas, se Iahweh se afastou de ti e se tornou teu adversário? Iahweh fez por outro como te havia dito por meu intermédio; tirou das tuas mãos a realeza e a entregou a Davi, porque não obedecestes a Iahweh e não executaste o ardor de sua ira contra Amalec. Foi por isso que Iahweh e tratou hoje assim. Como consequência, Iahweh entregará, juntamente contigo, o teu povo Israel nas mãos dos filisteus. Amanhã, tu e os teus filhos estareis comigo; e o exército de Israel também: Iahweh o entregará nas mãos dos filisteus'. Imediatamente, Saul caiu estendido no chão, terrificado pelas palavras de Samuel e também enfraquecido por não se ter alimentado todo o dia e toda noite".

A preocupação inicial desse autor bíblico foi ressaltar em que condição Samuel viria aparecer no relato; é por esse motivo que vai logo informando que *"Samuel tinha morrido"*. Na sequência do texto, fica clara a aparição de Samuel, primeiramente visto pela necromante, depois reconhecido por Saul. Inclusive ele, Samuel, diz ao rei que já lhe havia falado a respeito de que viria perder a realeza para um outro, ou seja, quando ele ainda estava vivo (1Sm 15,28). E finaliza o texto dizendo que Saul ficou *"terrificado pelas palavras de Samuel"*. Alguma dúvida? Ou será preciso apelar para: *"foi o demônio quem se manifestou ou um pseudoespírito"*? Mas, e o teor dos textos, não vale nada?

De fato, esse passo é o que tem mais dado dor de cabeça aos adversários das manifestações dos espíritos e também aos negadores da imortalidade para arrumarem uma explicação razoável de modo a tirarem dela a evidência incontestável dessa ocorrência. Tentando descaracterizá-la dizem alguns *"foi o demônio que tomou a aparência de Samuel"*, em contradição com a citação expressa do texto: *"Então a mulher viu Samuel"*, *"Então, Saul viu que era Samuel"*, *"Samuel disse a Saul"* e *"Respondeu Samuel"*. E mais, não existe nenhuma afirmação na Bíblia, na qual eles possam apoiar-se, para afirmarem que os demônios são os que aparecem no lugar dos mortos.

No livro Eclesiástico, também, se fala a respeito de Samuel, da seguinte forma: *"Até depois de morto profetizou, anunciou ao rei seu fim; do seio da terra elevou a voz, profetizando para apagar a iniquidade do povo"*. (Eclo 46,20). Ficando provado, portanto, que foi o próprio Samuel, em espírito, quem, realmente, se manifestou, a não ser que se desconsidere esse livro como inspirado pelo Espírito Santo, ao gosto dos protestantes, que não o têm em seu cânone

De qualquer forma, podemos concluir que os mortos continuam vivos, em espírito é claro, e que não ficam dormindo e muito menos estariam inconscientes até o dia do juízo final.

A fala de Samuel: *"Por que perturbas o meu descanso"*, é interessante, pois se alguém nos provar que só se descansa dormindo, passaremos a acreditar que os mortos ficam dormindo, pois, segundo se acredita, estariam *"descansando em paz"*. Quanto à questão da inconsciência, não há como sustentar essa ideia, pois se Samuel estivesse inconsciente, dormindo ou não, pouco importa, não atenderia à evocação da necromante, a pedido do rei Saul, coisa que só estando consciente para se fazer.

Há um momento da vida de Jesus, em que ele conversa com dois mortos. Esse fato encontra-se narrado por Mateus (17,1-9), por Marcos (9,2-13) e por Lucas (9,28-36), que afirmam que os dois homens que estavam conversando com Jesus eram Moisés e Elias, que

apareceram envoltos em sua glória, ou seja, na condição de espíritos. O assunto deles era sobre o sua morte que aconteceria em Jerusalém. Os negadores apelam querendo justificar que Elias não morreu e que Moisés estaria ressuscitado em corpo físico, numa evidente exegese bíblica às avessas. A palavra “aparecer” é usada para espíritos, fantasmas e almas; não para um encarnado.

Vejamos, pois, os textos:

Mt 17,1-4.9: “Seis dias depois, Jesus tomou Pedro, Tiago e o seu irmão João, e os levou para um lugar à parte sobre uma alta montanha. E ali foi transfigurado diante deles. Seu rosto resplandeceu como o sol e as suas vestes tornaram-se alvas como a luz. E eis que lhes apareceram Moisés e Elias conversando com ele. Então, Pedro, tomando a palavra, disse a Jesus: ‘Senhor, é bom estarmos aqui. Se queres, levantarei aqui três tendas: uma para ti outra para Moisés e outra para Elias’. Ao descerem do monte, Jesus ordenou-lhes: ‘Não conteis a ninguém essa visão, até que o Filho do Homem ressuscite dos mortos’”.

Lc 9,28-31.36: “Mais ou menos oito dias depois dessa palavras, tomando consigo a Pedro, João e Tiago, ele subiu à montanha para orar. Enquanto orava, o aspecto de seu rosto se alterou, suas vestes tornaram-se de fulgurante brancura. E eis que dois homens conversavam com ele: eram Moisés e Elias, que, aparecendo envoltos em glória, falavam de seu êxodo que se consumaria em Jerusalém. [...] Os discípulos mantiveram silêncio e, naqueles dias, a ninguém contaram coisa alguma do que tinham visto”.

Vale a pena ressaltar que Jesus não proibiu a ninguém de conversar com os mortos; a recomendação, aos discípulos, foi de que esperassem a sua ressurreição para falar do acontecido.

Na sequência da narrativa de Mateus, nos é mostrado que os discípulos ficaram confusos; vendo Elias ali, surgiu-lhes a dúvida sobre a profecia a respeito de sua volta. A mais interessante narrativa é a de Marcos, leiamo-la:

Mc 9,10-13: “Eles observaram a recomendação perguntando-se que significaria “ressuscitar dos mortos”. E perguntaram-lhe: ‘Por que motivo os escribas dizem que é preciso que Elias venha primeiro?’ Ele responde: ‘Elias certamente virá primeiro, para restaurar tudo. [...] Eu, porém, vos digo: Elias já veio, e fizeram com ele tudo o que quiseram como dele está escrito’”.

A pergunta sobre “ressuscitar dos mortos”, tendo como complemento o questionamento sobre a volta de Elias e, na sequência, a resposta de Jesus confirmando que a sua volta, dizendo que isso de fato já aconteceu, porquanto *“Elias já veio, mas não o reconheceram”* (Mt 17,10), a consequência dessa afirmação de Jesus foi que *“os discípulos entenderam que falava de João Batista”* (Mt 17,13). Ora, tudo isso faz com que o conceito de “ressuscitar dos mortos”, neste contexto, signifique reencarnação, sem a mínima possibilidade de contestação. Assim, se João Batista é Elias em nova encarnação, isso também, por tabela, prova a imortalidade da alma, quer gostem ou não. Não foi sem motivo que Jesus disse: *“Quem tem ouvidos, ouça!”*. (Mt 11,15).

E já que falamos de reencarnação, há um outro princípio intimamente ligado a ela, que é o da preexistência do espírito. Será que encontramos alguma passagem bíblica em que poderemos identificá-lo? Achamos que sim. Vejam, por exemplo, essas quatro:

Jó 8,7.9: “Teu passado parecerá pouca coisa diante da exímia grandeza do teu futuro. Somos de ontem, não sabemos nada. Nossos dias são uma sombra sobre a terra”.

Sl 51,7: Eis que eu nasci na iniquidade, minha mãe concebeu-me no pecado”.

Sb 8,19-20: “Eu era um jovem de boas qualidades, coubera-me, por sorte, uma boa alma, ou antes, sendo bom, tinha vindo num corpo sem mancha”.

Jr 1,4-5: “A palavra de Iahweh me foi dirigida nos seguintes termos: ‘Antes mesmo

de te modelar no ventre materno, eu te conheci; antes saísse do seio, eu te consagrei. Eu te constituí profeta para as nações”.

Obviamente que alguns poderão contestar; mas o que fazer? Vamos convencê-los à força? De forma alguma! Plena liberdade para se acreditar no que quiser, pois, da mesma forma, advogamos, a nós, esse princípio universal do Direito.

Expliquemos somente Sb 8,19-20: se, por ser um jovem de boas qualidades, ou seja, sendo bom, coube-lhe um corpo sem mancha, então, devemos concluir que esse jovem já existira antes, ou seja, vivia na condição de espírito, que, em outras palavras, significa preexistência; tal e qual Jesus havia afirmado: *“Em verdade, em verdade, vos digo: antes que Abraão existisse, eu sou”* (Jo 8,58), ou seja, Jesus já existia muito antes que Abraão existisse, provando a sua superioridade espiritual sobre o patriarca dos hebreus.

Em outra passagem o “ressuscitar dos mortos” tem como entendimento voltar à condição de espírito, conforme podemos deduzir de: *“Mas se morremos com Cristo, uma vez ressuscitado dentre os mortos, já não morre, a morte não tem mais domínio sobre ele”.* (Rm 6,8-9). Não se trata da ressurreição do juízo final, pois, mesmo que ele ainda não tenha acontecido, é fato que Cristo ressuscitou, o que igualmente ocorrerá conosco. Mas aqui fala que os ressuscitados não morrem mais, ora, se isso não for imortalidade, o que seria então? Quanto à imortalidade ainda podemos acrescentar:

Sb 2,23: “Deus criou o homem para a incorruptibilidade e o fez imagem de sua própria natureza”.

Aqui confirmamos o que já dissemos antes a respeito de nossa semelhança com Deus, a parte incorruptível do homem é o seu espírito, pois quanto ao corpo há de ser cumprido o seu inexorável destino: *“tu és pó e ao pó tornarás”* (Gn 3,19). Essa semelhança também é em relação à imortalidade.

Sb 3,1-5: “A vida dos justos está nas mãos de Deus, nenhum tormento os atingirá. Aos olhos dos insensatos pareceram mortos; sua partida foi tida como uma desgraça, sua viagem para longe de nós como um aniquilamento, mas eles estão em paz. Aos olhos humanos pareciam cumprir uma pena, mas sua esperança estava cheia de imortalidade; por um pequeno castigo receberão grandes favores. Deus os submeteu à prova e os achou dignos de si”.

Explicam-nos os tradutores sobre a palavra *athanasia* (imortalidade):

Essa palavra, até aqui inusitada no AT, mas familiar aos gregos, designava, quer a imortalidade da lembrança (cf. 8,13), que a da alma. O autor a emprega aqui no segundo sentido, mas para significar a imortalidade bem-aventurada na sociedade de Deus, como recompensa pela justiça (1,15; 2,23). (Bíblia de Jerusalém, p. 1109) (grifo nosso).

Não precisamos acrescentar mais nada, pois no próprio texto bíblico contesta os que acreditam no aniquilamento dos que já morreram e confirma a imortalidade da alma.

Sb 6,18-19: “O amor é a observância de suas leis, o respeito das leis é a garantia de incorruptibilidade e a incorruptibilidade aproxima de Deus”.

De maneira objetiva, explicam-nos, novamente, os tradutores: *“Aplicar-se à observância das leis da Sabedoria não basta para tornar-se incorruptível, mas cria título real e incontestável para obter de Deus a incorruptibilidade bem-aventurada ou a imortalidade (cf. 2,23; 3,4)”* (Bíblia de Jerusalém, p. 1115). Falou pouco, mas disse tudo.

Sb 8,12-13: “Se calo, ficarão em expectativa; se falo, prestarão atenção; se me alongo no discurso, colocarão a mão sobre a boca. Por causa dela alcançarei a imortalidade, à posteridade legarei lembrança eterna”.

Pela expressão “alcançarei a imortalidade”, fica tão clara essa questão, que ficamos pasmos com os que não acreditam, que na Bíblia se fala desse assunto.

Dn 12,2: "E muitos dos que dormem no solo poeirento acordarão, uns para a vida eterna e outros para o opróbrio, para o horror eterno".

Não levando em conta a questão da justiça conflitar com eternidade da pena, vamos ver que os que já morreram, segundo o texto, irão passar por um julgamento, conforme o que fizeram, enquanto viviam, terão como destino a vida eterna ou o castigo eterno, o que quer dizer que, após a morte, haverá vida, pois não há sentido algum, nesse caso, em se falar em prêmio ou castigo se não houver sobrevivência do espírito. Ademais, se tais consequências são eternas, significa imortalidade de alguma coisa, como não pode ser do corpo já que *"tu és pó e ao pó tornarás"*, (Gn 3,19), concluímos que a imortalidade é do espírito, pois é nele que reside a nossa semelhança para com Deus.

Voltando à questão da ressurreição, afirmarmos que é falsa a ideia de ressuscitar da carne, como muitos acreditam que irá acontecer. Isso, provavelmente, não passa de pensamento dos egípcios que achavam que o corpo era necessário na outra vida; daí o motivo pelo qual eles mumificavam os corpos. Além disso, ainda temos Paulo afirmando: *"é semeado corpo animal, mas ressuscita corpo espiritual. Se existe um corpo animal, também existe um corpo espiritual"* (1Cor 15,44) (Bíblia Sagrada - Pastoral) e *"a carne e o sangue não podem herdar o Reino de Deus"* (1Cor 15,50). Citaremos também mais essa passagem que fala da morte: *"é porque o homem já está a caminho de sua morada eterna, e os que choram a sua morte, já começam a rondar pela rua"* (Ecl 12,5). Se a morada é eterna, e aqui está se falando da morte física, então como explicar o retorno do corpo na ressurreição dos mortos?

Merece destaque uma parábola de Jesus, que virá ajudar-nos no desenvolvimento, que estamos fazendo. Leiamo-la:

Lc 16,19-31: "Havia um homem rico que se vestia de púrpura e linho fino e cada dia se banqueteava com requinte. Um pobre, chamado Lázaro, jazia à sua porta, coberto de úlceras. Desejava saciar-se do que caía da mesa do rico... E até os cães vinham lambe-lhe as úlceras. Aconteceu que o pobre morreu e foi levado pelos anjos ao seio de Abraão. Morreu também o rico e foi sepultado. Na mansão dos mortos, em meio a tormentos, levantou os olhos e viu ao longe Abraão e Lázaro em seu seio. Então exclamou: 'Pai Abraão, tem piedade de mim e manda que Lázaro molhe a ponta do dedo para me refrescar a língua, pois estou atormentado nesta chama'. Abraão respondeu: 'Filho, lembra-te de que recebeste teus bens durante tua vida, e Lázaro por sua vez os males; agora, porém, ele encontra aqui consolo e tu és atormentado. E além do mais, entre nós e vós existe um grande abismo, a fim de que aqueles que quiserem passar daqui para junto de vós não o possam, nem tampouco atravessem de lá até nós. Ele replicou: 'Pai, eu te suplico, envia então Lázaro até a casa de meu pai, pois tenho cinco irmãos; que leve a eles seu testemunho, para que não venham eles também para este lugar de tormento. Abraão, porém, respondeu: 'Eles têm Moisés e os Profetas; ouçam-nos'. Disse ele: 'Não, pai Abraão, mas se alguém dentre os mortos for procurá-los, eles se arrependerão'. Mas Abraão lhe disse: 'Se não escutam nem a Moisés nem aos Profetas, mesmo que alguém ressuscite dos mortos, não se convencerão'".

Sabemos que toda parábola traz sempre no fundo alguma verdade. O Aurélio a define: "Narração alegórica na qual o conjunto de elementos evoca, por comparação, outras realidades de ordem superior".

Vejamos o que ainda poderemos retirar dessa parábola do rico e Lázaro, fora a questão da recompensa no após morte. Uma coisa bem clara é que acreditavam na comunicação com os mortos, pois é por este motivo que se justifica o pedido do rico a Abraão para enviar Lázaro a seus cinco irmãos. A resposta de Abraão não é que isso não poderia acontecer, mas era totalmente inútil, pois se eles não ouviam a Moisés e nem aos Profetas, que estavam vivos, muito menos ouviriam um morto, que tentasse lhes ensinar a verdade. Resumindo: na visão do rico era útil um morto ir comunicar-se com seus parentes; para Abraão era inútil.

E já que citamos o nome de Lázaro, há um outro, o irmão de Marta e Maria que foi ressuscitado por Jesus (Jo 11,1-44). Depois de já ter passado quatro dias de sua morte, o Mestre, junto ao seu túmulo, lhe disse: *"Lázaro, vem para fora!"* (Jo 11,43), o que fez com que o morto saísse. Essa ressurreição como a volta do espírito ao corpo físico, nos prova que os

mortos não ficam inconscientes, pois, caso fossem, o espírito Lázaro não atenderia ao chamado de Jesus. E houve comunicação com um morto.

Poderíamos questionar se havia mesmo manifestações espirituais àquela época. Para sabermos, vamos à pesquisa. Encontramos algumas situações que poderemos, sim, atribuí-las como sendo manifestações de espíritos; vejamos:

a) Manifestação de espíritos confundidos como sendo o próprio Deus

O textos de todos os passos abaixo, relativos a esse item, foram transcritos da Bíblia Sagrada – Pastoral:

Nm 24,2-3: *"[...] levantou os olhos e viu Israel acampado por tribos. Então o espírito de Deus desceu sobre ele, e ele pronunciou o seu poema:..."*;

Jz 6,34: *"O espírito de Javé se apoderou de Gedeão, que tocou a trombeta, e Abiezer se agrupou a ele"*.

Jz 11,29: *"Então o espírito de Javé desceu sobre Jefté, que atravessou o território de Galaad e Manassés, passou por Masfa e Galaad, e daí foi até os amonitas"*.

Jz 14,6: *"O espírito de Javé desceu sobre Sansão, e ele, sem ter nada nas mãos, despedaçou o leãozinho, como se despedaçasse um cabrito..."*

Jz 14,19: *"Então o espírito de Javé desceu sobre Sansão e apossou-se dele. Ele foi até Ascalon, matou trinta homens, tirou as roupas deles e deu para os que tinham adivinhado a resposta. Depois, cheio de raiva, voltou para a casa do seu pai"*.

1Sm 10,6.10: *"Então o espírito de Javé virá sobre você, e também você entrará em transe com eles e se transformará em outro homem. Daí, partiram para Gabaá, e um grupo de profetas foi ao encontro de Saul. O espírito de Javé desceu sobre ele, que entrou em transe no meio deles"*.

1Sm 11,6-7: *"Quando Saul ouviu a notícia, o espírito de Javé tomou conta dele. Saul ficou enfurecido, pegou uma junta de bois, os despedaçou e os mandou por mensageiros a todo o território de Israel, [...]"*.

1Cr 12,19: *"Então o espírito se apoderou de Amasai, chefe dos Trinta, que exclamou: 'Nós somos dos seus, Davi. Estamos com você, filho de Isaí. Paz a você e aos seus companheiros, porque o seu Deus está do seu lado'..."*

2Cr 24,20: *"Então o espírito de Deus se apoderou de Zacarias, filho do sacerdote Joiada. Ele se dirigiu ao povo e disse: 'Assim fala Deus: Por que é que vocês estão desobedecendo aos mandamentos de Javé? Vocês vão se arruinar. Vocês abandonaram Javé, e ele também os abandona!'"*.

Certamente que não iremos atribuir a Deus tanta barbaridade acontecida aqui pelos que, supostamente, estavam investidos do "espírito de Deus"; não é mesmo? Mas mude-se o artigo "o" para o indefinido "um" e tudo se ajusta sem problema algum. Por outro lado, é fácil reconhecer que, de fato, o espírito é de Deus como o são todos os espíritos, o que não quer dizer que seja o espírito do próprio Deus.

b) Influência de espíritos bons

Mt 10,19-20: *"Quando vos entregarem, não fiquéis preocupados em saber como ou o que haveis de falar. Naquele momento vos será indicado o que deveis falar, porque não sereis vós que falareis, mas o Espírito de vosso Pai é que falará em vós"*.

Mc 13,11: *"Quando, pois, vos levarem para vos entregar, não vos preocupeis com o que haveis de dizer; mas, o que vos for indicado naquela hora, isso falareis; pois não sereis vós que falareis, mas o Espírito Santo"*.

Lc 11,13: *"Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar coisa boas aos vossos vilhos, quanto mais o Pai do céu dará o Espírito Santo aos que o pedirem!"*.

Bom; aqui, nestes passos, teremos que mudar o artigo “o” para “um”, já que, pela grandeza de Deus e, conseqüentemente, pela nossa pequenez, é bastante improvável que Ele venha a influenciar diretamente um ser humano. É bem certo que o fará, mas por via indireta, usando um espírito puro, ou no linguajar bíblico: “um Espírito Santo”.

c) Influência de espíritos maus

1Sm 16,14-16.23: *“O espírito de Iahweh tinha se retirado de Saul, e um mau espírito, procedente de Iahweh, o atormentava. Então os servos de Saul lhe disseram: 'Eis que um mau espírito vindo de Deus te atormenta. Mande nosso senhor, e os servos que te assistem irem buscar um homem que saiba dedilhar a lira, e quando o mau espírito da parte de Deus te atormentar, ele tocará e tu te sentirás melhor'. Todas as vezes que o espírito de Deus o acometia, Davi tomava a lira e tocava: então Saul se acalmava, sentia-se melhor e o mau espírito o deixava”.*

1Sm 18,10-11: *“No dia seguinte, um mau espírito da parte de Deus assaltou Saul, que começou a delirar no meio da casa. Davi tangia a lira com nos outros dias, e Saul estava com a lança na mão. Saul atirou a lança e disse; 'Cravarei Davi na parede!', mas Davi lhe escapou duas vezes”.*

Mc 1,23-26: *“Na ocasião, estava na sinagoga deles um homem possuído de um espírito impuro, que gritava dizendo: 'Que queres de nós, Jesus Nazareno?' Vieste para nos arruinar-nos? Sei quem tu és: o Santo de Deus'. Jesus, porém, o conjurou severamente: 'Cala-te e sai dele'. Então o espírito impuro, sacudindo-o violentamente e soltando grande grito, deixou-o”.*

Mc 3,30: *“Isso porque eles diziam: “Ele está possuído por um espírito impuro”.*

Mc 5,1-13: *“Chegaram ao outro lado do mar, à região dos gerasenos. Logo que Jesus desceu do barco, caminhou ao seu encontro, vindo dos túmulos, um homem possuído por um espírito impuro: habitava no meio das tumbas e ninguém podia dominá-lo, nem mesmo com correntes. Muitas vezes já o haviam prendido com grilhões e algemas, mas ele arrebatava os grilhões e estraçalhava as correntes, e ninguém conseguia subjugar-lo. E, sem descanso, noite e dia, perambulava pelas tumbas e pelas montanhas, dando gritos e ferindo-se com pedras. Ao ver Jesus, de longe, correu e prostrou-se diante dele, clamando em alta voz: 'Quem queres de mim, Jesus, filho do Deus altíssimo. Conjuro-te por Deus que não me atormentes!' Com efeito, Jesus lhe disse; 'Sai deste homem, espírito impuro!' E perguntou-lhe: 'Qual é o teu nome?' Respondeu: 'Legião é meu nome, porque somos muitos'. E rogava-lhe insistentemente que não os mandasse para fora daquela região. Ora, havia ali, pastando na montanha, uma grande manada de porcos. Rogavam-lhe, então os espíritos impuros dizendo: 'Manda-nos para os porcos, para que entremos neles'. Ele o permitiu. E os espíritos saíram, entraram nos porcos e a manada – cerca de dois mil – se arrojou no precipício abaixo, e se aforavam no mar”.*

At 19,13-15: *“Então, alguns exorcistas judeus ambulantes começaram a pronunciar, eles também, o nome do Senhor Jesus, sobre os que tinham espíritos maus. E diziam: 'Eu vos conjuro por Jesus, a quem Paulo proclama!' Quem fazia isto eram os sete filhos de certo Sceva, sumo sacerdote judeu. Mas o espírito mau replicou-lhes: 'Jesus eu o conheço; e Paulo, sei quem é. Vós, porém, quem sois?' E investindo contra eles, o homem no qual estava o espírito mau dominou a uns e outros, e de tal modo os maltratou que, desnudos e feridos, tiveram de fugir daquela casa”.*

Manifestações desses espíritos podem-se ver em toda a Bíblia, aparecem com as seguinte denominações: espíritos impuros, espíritos maus e demônios. Aliás, poderemos dizer, sem medo de errar, que ela, a Bíblia, é o maior repositório de fenômenos mediúnicos, ainda incompreendidos pela massa dos fiéis, e que, na maioria das vezes, são escamoteados pelos seus líderes.

d) outras manifestações

Ez 2,1-3: *“Ele me disse: 'Filho do homem, põe-te de pé que vou falar contigo'.*

Enquanto falava, entrou em mim o espírito e me pôs de pé. Então ouvi aquele que falava comigo. Com efeito, ele me disse: 'Filho do homem, enviar-te-ei aos israelitas, a esses rebeldes que se rebelaram contra mim. Sim, eles e os seus pais se revoltaram contra mim até o dia de hoje'".

Aqui, no linguajar popular, estamos diante de uma incorporação, onde um espírito, agindo diretamente no corpo do médium, usa-o conforme sua conveniência.

Podemos incluir aqui, nesse item, mais o acontecimento de ser arrebatado em espírito, que é narrado pelos passos:

2Cor 12,1-4: "É preciso gloriar-se? Por certo, não convém. Todavia mencionarei as visões e revelações do Senhor. Conheço um homem em Cristo que, há quatorze anos, foi arrebatado ao terceiro céu – se em seu corpo, não sei; se fora do corpo, não sei; Deus o sabe! E sei que esse homem – se no corpo ou fora do corpo não sei; Deus o sabe! – foi arrebatado até o paraíso e ouviu palavras inefáveis, que não é lícito ao homem repetir".

Ap 17,3: "Ele [um dos sete Anjos] me transportou então, em espírito, ao deserto, [...]"

Ap 21,9-10: "Depois, um dos sete Anjos [...] veio até mim [...] Ele então me arrebatou em espírito, sobre um grande e alto monte, e mostrou-me a Cidade santa, Jerusalém, que descia do céu, de junto de Deus".

Tanto Paulo quanto João são arrebatados em espírito, ou seja, passam pelo fenômeno de afastamento temporário dos seus espíritos de seus corpos, comumente denominado de "viagem astral", o que nós, os Espíritas chamamos de desdobramento. Não resta dúvida que para nosso espírito ser arrebatado e enviado a um outro lugar é porque somos, no mínimo, dualistas: corpo e espírito. Entretanto, vamos mais além disso, conforme percebido por Paulo: *"O Deus da paz vos conceda santidade perfeita; e que o vosso ser inteiro, o espírito, a alma e o corpo sejam guardados de modo irrepreensível para o dia da vinda de nosso Senhor Jesus Cristo"*. (1Ts 5,23), isso, numa linguagem atual, diríamos: o vosso ser inteiro: o espírito, o perispírito e o corpo físico, porquanto são esses os elementos que compõem o homem encarnado.

Tomando-se como exemplo o livro de Tobias, poderemos dizer que os anjos, muitas vezes citados na Bíblia, são seres humanos desencarnados; senão vejamos essa história:

Tb 5,1-22: "Então Tobias respondeu a seu pai Tobit: 'Pai, farei tudo quanto me ordenaste. Mas como poderei recuperar esse dinheiro? Ele não me conhece e nem eu a ele. Que sinal lhe darei para que ele me reconheça, creia em mim e me entregue o dinheiro? Além disso, não sei que caminho tomar para chegar à Média'. Tobit então respondeu a seu filho Tobias: 'Ele me deu seu documento, e eu lhe dei o meu; eu o dividi em dois para que cada um de nós ficasse com a metade. Tomei uma e deixei a outra com o dinheiro. E dizer que já faz vinte anos que depus esse dinheiro! Agora, meu filho, procura um homem de confiança para teu companheiro de viagem, e lhe pagaremos pelo seu trabalho até a tua volta; vai e recupera esse dinheiro junto a Gabael'. Tobias saiu em busca de alguém que conhecesse o caminho e que fosse com ele à Média. Ao sair, encontrou Rafael, o anjo, de pé diante dele; mas não sabia que era um anjo de Deus. Disse-lhe, pois: 'De onde és, jovem?' Respondeu-lhe: 'Sou um dos filhos de Israel, teus irmãos, e vim procurar trabalho'. Perguntou-lhe Tobias: 'Conheces o caminho da Média?' 'Sim', respondeu ele; 'já estive lá muitas vezes e conheço em detalhe todos os caminhos. Fui à Média com frequência e hospedei-me na casa de Gabael, nosso irmão, que mora em Rages, na Média. São dois dias de viagem entre Ecbátana e Rages, pois Rages está situada na montanha e Ecbátana na planície'. Disse-lhe Tobias: 'Espera-me, jovem, que eu vou informar meu pai, porque preciso que venhas comigo; pagar-te-ei teu salário'. Respondeu o outro: 'Fico esperando, mas não demores'. Tobias foi informar seu pai e disse-lhe: 'Encontrei um homem, que é dos filhos de Israel, irmão nosso'. E seu pai lhe disse: 'Chama-o aqui, para que eu saiba a que família pertence e se é digno de confiança para que te acompanhe, filho'. Tobias saiu, chamou-o e disse-

Ihe: 'Jovem, meu pai está te chamando'. O anjo entrou na casa e Tobit o saudou por primeiro. Ele respondeu: 'Desejo-te grande alegria'. Disse Tobit: 'Que alegria posso ainda ter? Estou cego e não posso ver a luz do céu; estou mergulhado nas trevas como os mortos que não contemplan a luz; vivo como um morto; ouço a voz das pessoas, mas não as vejo'. Disse-Ihe o anjo: 'Tem confiança, que Deus em breve te curará. Tem confiança!' Tobit lhe disse: 'Meu filho Tobias quer ir à Média. Podes ir com ele e servir-lhe de guia? Eu te darei teu salário, irmão'. Ele respondeu: 'Posso ir com ele, pois conheço detalhadamente todos os caminhos e fui frequentes vezes à Média, percorri todas as suas planícies e as suas montanhas e conheço todas as suas veredas'. Disse-Ihe Tobit: 'Irmão, de que família e de que tribo és tu? Fala, irmão'. Respondeu-Ihe o anjo: 'Que importa a minha tribo?' Tobit insistiu: 'Gostaria de saber com segurança de quem és filho e qual é o teu nome'. Respondeu-Ihe o anjo: 'Sou Azarias, filho do grande Ananias, um de teus irmãos'. Disse-Ihe Tobit: 'Bem-vindo, irmão, salve! Não leves a mal, irmão, meu desejo de conhecer com certeza teu nome e tua família; acontece que és parente meu e pertences a uma família honesta e honrada. Conheci Ananias e Natã, os dois filhos do grande Semeias; eles iam comigo a Jerusalém, juntos lá adorávamos, e eles não se desviaram do bom caminho. Teus irmãos são homens de bem; descendes de ilustre estirpe. Sê bem-vindo!' E acrescentou: 'Pagar-te-ei como salário uma dracma por dia, e dar-te-ei, como a meu filho, o que te for necessário. Viaja, pois, com meu filho, e depois ainda acrescentarei algo ao teu salário'. O anjo respondeu: 'Irei com teu filho, nada receies. Sãos partiremos e sãos regressaremos a ti, porque o caminho é seguro'. Respondeu-Ihe Tobit: 'Bendito sejas, irmão!' Chamou seu filho e disse-Ihe: 'Filho, prepara as coisas para a viagem e parte com teu irmão; que lá vos proteja o Deus que está nos céus e que vos reconduza a mim sãos e salvos; e que seu anjo vos acompanhe com sua proteção, filho'. Tobias saiu para empreender a viagem, e beijou seu pai e sua mãe. Tobit lhe disse: 'Boa viagem!' Sua mãe pôs-se a chorar e disse a Tobit: 'Para que mandaste meu filho partir? Não é ele o bastão de nossa mão que sempre vai e vem conosco? Que não seja o dinheiro o mais importante; que ele não tenha valor ao lado de nosso filho. O nível de vida que Deus nos tinha dado era-nos suficiente'. Respondeu-Ihe Tobit: 'Não penses nisso; sãos partiu nosso filho, e sãos voltará a nós; com teus próprios olhos o verás no dia em que ele regressar a ti são e salvo. Não penses nisso, nem te inquietes por causa deles, minha irmã. Um bom anjo o acompanhará, Ihe dará uma viagem tranquila e o devolverá são e salvo!'"

Se isso for verdade, então todas as vezes que encontrarmos a ação de um anjo, a entenderemos como sendo um espírito manifestando-se.

"Sou servo como tu e como teus irmãos, os profetas, e como aqueles que observam as palavras deste livro"(Ap 22,9), foi o que o anjo disse a João, quando esse caiu de joelhos para o adorar, o que faz com que anjo e ser humano sejam a mesma coisa. Inclusive, quando da ressurreição, os anjos, que estavam junto ao túmulo de Jesus (Mt 28,2; Jo 20,12), foram vistos como homens de vestes brancas.(Mc 16,5; Lc 24,4).

Obviamente que não relacionamos todas as passagens, mas apenas algumas delas para dar exemplos das manifestações de espíritos. Aliás, para os que têm "olhos de ver", a Bíblia está cheia delas, conforme já o dissemos.

Mas poderiam nos perguntar o que é espírito? Espírito é um ser humano desencarnado; vejamos a comprovação:

Lc 23,46: "E Jesus deu um forte grito: 'Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito'. Dizendo isso, expirou".

Lc 24,36-39: "Falavam ainda, quando ele próprio [Jesus] se apresentou no meio deles e disse: 'A paz esteja convosco!' Tomados de espanto e temor, imaginavam ver um espírito. Mas ele disse: 'Por que estais perturbados e por que surgem tais dúvidas em vossos corações? Vede minhas mãos e meus pés: sou eu! Apalpai-me e entendei que um espírito não tem carne, nem ossos, como estais vendo que eu tenho'"

At 16,7: "Chegando aos confins da Mísia, tentaram penetrar na Bitínia, mas o Espírito de Jesus não lho permitiu".

1Pe 3,18-19: *"Com efeito, também Cristo morreu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, a fim de vos conduzir a Deus. Morto na carne, foi vivificado no espírito, no qual foi também pregar aos espíritos em prisão".*

Observar que as expressões *"entrego meu espírito"*, *"o Espírito de Jesus não permitiu"* e *"vivificado no espírito"* nos mostram que Jesus mesmo *"morto na carne"* continua vivendo em espírito. Se Jesus foi pregar aos espíritos em prisão, devemos supor que eles ainda estavam vivos e conscientes, e mais, que existe esperança de recuperá-los, razão da pregação de Jesus a eles. Especificamente quanto a natureza espiritual de Jesus, essa questão ficará mais clara na passagem seguinte.

Lc 24,36-43: *"Falavam ainda, quando ele próprio se apresentou no meio deles e disse: 'A paz esteja convosco!' Tomados de espanto e temor, imaginavam ver um espírito. Mas ele disse: 'Por que estais perturbados e por que seguem tais dúvidas em vossos corações? Vede minhas mãos e meus pés: sou eu! Apalpai-me e entendei que um espírito não tem carne, nem ossos, como estais vendo que eu tenho'. Dizendo isso, mostrou-lhe as mãos e os pés. E como, por causa da alegria, não podiam acreditar ainda e permaneciam surpresos, disse-lhes: 'Tendes o que comer?' Apresentaram-lhe um pedaço de peixe assado. Tomou-o, então, e o comeu-o diante deles".*

Uma coisa importante aqui é a questão de que imaginavam ver um espírito: por que isso? Seria porque acreditavam que, após a morte, só poderia aparecer mesmo um espírito, e esse espírito *"não tem carne, nem ossos"*, ou seja, é realmente um ser espiritual? Vejamos o que colocaram os tradutores a respeito do *"mostrou-lhes as mãos e os pés"*: "Lucas, escrevendo para os gregos, que consideravam absurda a ideia da ressurreição, insiste na realidade física do corpo de Jesus ressuscitado (cf. v. 43)" (Bíblia de Jerusalém, p. 1834). Do que podemos concluir que Lucas estava expressando o seu próprio pensamento, daí querer convencer aos gregos de uma realidade mais material depois da morte, visto que eles não acreditavam na ressurreição. Fatalmente, também, concluímos que a ressurreição não é do corpo, mas do espírito como sempre estamos a afirmar, fato então confirmado agora com a explicação dos tradutores.

Quando Jesus lhes aparece, ele já estava fisicamente morto; é por isso que seus discípulos pensavam estar vendo um espírito. E se *"um espírito não tem carne e ossos"*, como explicar a ressurreição da carne? Especialmente depois de tão óbvia afirmação de Paulo de que *"a carne e o sangue não podem herdar o Reino de Deus"* (1Cor 15,50). Acrescentamos ainda: *"na ressurreição [...] serão como os anjos do céu"* (Mt 22,30) (Bíblia Sagrada - Pastoral), embora Jesus esteja se referindo a uma outra situação; o fato é que os anjos são seres espirituais; portanto, se seremos iguais a eles, via de consequência, também seremos, da mesma forma, seres espirituais.

Uma outra situação interessante ocorreu, quando Jesus ainda estava vivo. O episódio inicia-se no ponto em que Jesus, após a multiplicação dos pães e peixes, fica para trás, enquanto que seus discípulos entram mar adentro, se dirigindo a Genesaré. À quarta vigília, ou seja, entre três e seis horas da manhã, Jesus, andando sobre o mar, vai ao encontro deles, que, ao vê-lo, apavorados disseram: *"É um fantasma!"* (Mt 14,22-26), ao que Jesus logo lhes disse: *"Tende confiança, sou eu, não tendes medo"* (Mt 14,27). Então, os fantasmas existem! Mas o que são eles, senão os espíritos dos mortos?

Para corroborar essa nossa ideia, transcrevemos o pensamento do teólogo Rev. Haraldur Nielsson (1868-1928):

De resto, acho que há muitas passagens no Novo Testamento que indicam, exatamente, que se compreendia, pela palavra "espírito" (em grego *pneuma*), a "alma de um morto".

Desejo, sobre o assunto, indicar duas passagens em as quais *pneumata* não pode significar senão almas de mortos: Hebreus XII,23 (Espíritos de justos chegados à perfeição) e 1ª Epístola de Pedro III, 19 (porém tendo sido vivificados pelo espírito, no qual foi pregar aos espíritos em prisão, os quais foram outrora incrédulos, quando a paciência de Deus se estendeu aos dias de Noé). É claro como o dia que, na primeira passagem, se trata de almas de

homens mortos no estado de perfeição e, na última, das almas dos homens decaídos, que viveram na Terra, no tempo do dilúvio. Se não quiserem acreditar em mim, podem consultar o dicionário grego latino de Grimm, sobre os livros do Novo Testamento.

Se Deus é, em Hebreus XII, 9, chamado de “Deus dos Espíritos”, o dicionário indica que a palavra espírito significa tanto as almas dos homens mortos como as dos anjos. Posso ainda acrescentar, sobre o assunto, que o Cristo foi chamado, várias vezes, depois da sua ressurreição, de *pneuma* e, indiscutivelmente, se tratava de “alma de um morto”, pois que ele vivera na Terra. (NIELSSON, 1983, p. 88).

Algumas passagens, se bem analisadas, mostram-nos a ideia de que a vida continua. Vejamos essa, por exemplo: *“Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e horror eterno”*. (Dn 12,2) (A Bíblia Anotada). Saindo da literalidade da letra que mata, entendemos que a expressão *“os que dormem no pó”*, não seja outra coisa, senão os que já morreram. E se algum deles, futuramente, ressuscitar, não há como duvidar de que estão vivos até lá, mesmo que supostamente dormindo, para daí viverem a vida eterna, gozando do prêmio ou sofrendo o castigo merecido. Aliás, podemos corroborar esses passos:

Mt 22,29-32: *“Jesus respondeu-lhes: ‘Estais enganados, desconhecendo as Escrituras e o poder de Deus. Com efeito, na ressurreição, nem eles se casam e nem elas se dão em casamento, mas são todos como os anjos no céu. Quanto à ressurreição dos mortos, não lestes o que Deus vos declarou: ‘Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó?’ Ora, ele não é Deus de mortos, mas sim de vivos”*”.

Lc 20,37-38: *“Ora, que os mortos ressuscitam, também Moisés o indicou na passagem da sarça, quando diz: ‘o Senhor Deus de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacó’. Ora, ele não é Deus de mortos, mas sim de vivos; todos, com efeito, vivem para ele”*.

Aqui, de maneira muito clara, Jesus coloca a questão da imortalidade da alma como coisa incontestável. A narrativa de Lucas então, não deixa a mínima dúvida de que Abraão, Isaac e Jacó, apesar de mortos na carne, vivem em espíritos junto a Deus. Por que afirmamos que vivem em espíritos? Porque, além do categórico *“Deus de vivos”*, também sabemos que é *“o espírito é que vivifica”* (Jo 6,63), ou seja, é ele que dá vida. Mas mudaremos de opinião se alguém nos provar que tanto Abraão, como Isaac e também Jacó já tenham ressuscitado, e mais, que isso tenha acontecido em corpo físico. Mas se até hoje não ocorreu o dia do juízo, época em que os dogmáticos acreditam que haverá a ressurreição dos justos e injustos, os primeiros para a vida eterna, os outros para o tormento eterno, eles não poderiam estar ressuscitados no corpo físico, assim, se continuam *“mais vivos do que nunca”* essa vida é a do espírito, não há dúvida. Disso podemos concluir que entendiam a ressurreição como sendo mesmo a do espírito.

Russell Philip Shedd (1929-), teólogo batista, editor da Bíblia Shedd, explica em nota o passo de Lucas:

20.38 *Deus... de vivos*. Vários séculos depois dos patriarcas, Deus se revelou a Moisés como o Deus de Abraão... (cf. Ex 3,6). Se estes não estivessem vivos (por serem imortais) aguardando a ressurreição, Deus não podia ser um Deus, isto é, o Deus de pessoas inexistentes. Um argumento firmado em “Moisés” teria validade final. (Bíblia Shedd, 2005, p. 1470) (grifo nosso).

O que vem confirmar o nosso pensamento a respeito do passo citado.

At 7,59: *“E apedrejaram Estevão, enquanto este invocava e dizia: ‘Senhor Jesus, recebe meu espírito’”*.

Aqui está mais uma vez a questão do espírito como sendo a parte que sobrevive à morte, se não fosse, Estevão teria dito: *“Senhor Jesus, recebe meu corpo”*. A fala de Estevão é muito semelhante à dita por Jesus na cruz, que já comentamos anteriormente.

At 23, 6-8: *"A seguir, [Paulo] tendo conhecimento de que uma parte dos presentes eram saduceus e a outra eram fariseus, exclamou no Sinédrio: 'Irmãos, eu sou fariseu, e filho de fariseus. É por nossa esperança, a ressurreição dos mortos, que estou sendo julgado'. Apenas disse isto, formou-se um conflito entre fariseus e saduceus, e a assembleia de dividiu. Pois os saduceus dizem que não há ressurreição, nem anjo nem espírito, enquanto os fariseus sustentam uma e outra coisa".*

Ora, quem crê na ressurreição dos mortos, certamente, acredita que há vida depois da morte, quando o espírito ressurgirá glorioso na dimensão espiritual, tal e qual a crença de Paulo (ver 1Cor 15,35-45, logo abaixo).

Os tradutores da Bíblia de Jerusalém, em nota, confirma-nos isso:

Os fariseus acreditavam que o indivíduo teria parte na vida do mundo futuro medianamente, ou seja, um corpo glorificado, como um anjo (cf. 22,30p; At 12,15; 1Cor 15,42-44), ou então uma alma imortal ("espírito", cf. Lc 24,39). Os saduceus, ao contrário, rejeitavam uma e outra crença, e, portanto, qualquer forma de ressurreição. Sobre esse ponto Paulo encontra, nos fariseus, aliados (cf. At 4,s+). (Bíblia de Jerusalém, p. 1945) (grifo nosso).

Então, fica claro que a pregação de Paulo era da ressurreição do espírito, num corpo glorioso, incorruptível, espiritual, o que corresponde a crer na imortalidade da alma, a não ser que se faça um grande esforço exegético para não fugir disso.

Encontramos uma outra tradução para o versículo 6, desse passo citado (At 23):

"E por causa da esperança de uma outra vida e da ressurreição dos mortos que me querem condenar..." (At 23,6). (DENIS, 1987, p. 278).

Por essa tradução temos que Paulo acreditava em "uma outra vida" e também na "ressurreição dos mortos", do que concluímos que a alma, para ele, era imortal. Em nenhuma outra Bíblia consultada, nós encontramos uma tradução igual a essa, que fala objetivamente de uma outra vida; é lamentável o que os tradutores fazem com os textos bíblicos para ajustá-los aos seus dogmas.

Rm 6,8-9: *"Mas se morremos com Cristo, temos fé que também viveremos com ele, sabendo que Cristo, uma vez ressuscitado dentre os mortos, já não morre, a morte não tem mais domínio sobre ele".*

Se tivermos em mente a ideia de que o espírito é mais importante que o corpo físico, entenderemos que quem não está sob o domínio da morte é o espírito, exatamente a nossa semelhança para com Deus. Aliás, mesmo que ainda não compreendessem isso, o espírito nunca esteve sob o domínio da morte.

1Cor 3,16: *"Não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?"*

1Cor 6,19: *"Ou não sabeis que o vosso corpo é templo do Espírito Santo, que está em vós e que recebestes de Deus?... e que, portanto, não pertenceis a vós mesmos?"*

Melhor seria dizer "vosso corpo é templo de um Espírito Santo", ou seja, um espírito criado por Deus, por isso é santificado, santo. Não devemos entender como aquele inventado pelos teólogos, que compõe a Trindade, fruto de crença pagã adotada não pelos primeiros cristãos; mas pelos que os sucederam. Também Jesus comparou o seu corpo como templo (Jo 2,18-22).

1Cor 15,35-45: *"Mas, dirá alguém, como ressuscitam os mortos? Com que corpo voltam? Insensato! O que semeias, não readquire vida a não ser que morra. E o que semeias, não é o corpo da futura planta que deve nascer, mas um simples grão, de trigo ou de qualquer outra espécie. A seguir, Deus lhe dá corpo como quer: a cada uma das sementes ele dá o corpo que lhe é próprio. Nenhuma carne é igual às outras, mas*

uma é a carne dos homens, outra a carne dos quadrúpedes, outra a dos pássaros, outra a dos peixes. Há corpos celestes e há corpos terrestres. São, porém, diversos o brilho dos celestes e o brilho dos terrestres. Um é o brilho do sol, outro o brilho da lua, e outro o brilho das estrelas. E até de estrela para estrela há diferenças de brilho. O mesmo se dá com a ressurreição dos mortos; semeado corruptível, o corpo ressuscita incorruptível; semeado desprezível, ressuscita reluzente de glória; semeado na fraqueza, ressuscita cheio de força; semeado corpo psíquico ressuscita corpo espiritual. Se há um corpo psíquico, há também um corpo espiritual”.

Das dezesseis Bíblias que consultamos essa – Bíblia de Jerusalém – é a única que diz corpo psíquico, as outras variam entre: corpo animal, corpo natural e corpo físico. Particularmente, não acreditamos que Paulo tenha dito dessa forma, com todo o respeito à competência de todos os tradutores. Mas a explicação de Paulo vista como corpo natural, animal ou físico, deveria ser suficiente para entendermos, de uma vez por todas, que o corpo da ressurreição nada tem a ver com o corpo atual, já que ressuscitaremos no corpo espiritual, ou seja, é a ressurreição do espírito e não da carne. O que semeias não é o corpo da futura planta, nenhuma carne é igual às outras, um é o brilho do sol outro é o da lua, assim é que se dará na ressurreição dos mortos semeado corruptível o corpo ressuscitará incorruptível, quer dizer, colocado o corpo físico na sepultura, ressuscitará no seu lugar o corpo espiritual. Onde então reside a dúvida?

1Cor 15,50-55: "Digo-vos, irmãos: a carne e o sangue não podem herdar o Reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorruptibilidade. Eis que vos dou a conhecer um mistério: nem todos morreremos, mas todos seremos transformados, num instante, num abrir e fechar de olhos, ao som da trombeta final; sim, a trombeta tocará, e os mortos ressurgirão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Com efeito, é necessário que este ser corruptível revista a incorruptibilidade e que este ser mortal revista a imortalidade. Quando, pois, este ser corruptível tiver revestido a incorruptibilidade e este ser mortal tiver revestido a imortalidade, então cumprir-se-á a palavra da Escritura: A morte foi absorvida na vitória. Morte, onde está a tua vitória? Morte, onde está o teu aguilhão?"

Completando o seu pensamento, da passagem que abordamos antes dessa, Paulo afirma, agora de forma bem categórica, a questão da imortalidade do corpo espiritual, corpo esse que será a habitação do Espírito na morada celeste, quando deixar ao repasto dos vermes o corpo material de carne e osso, que utilizava para se manifestar no plano terreno.

2Cor 5,1-2: "Sabemos, com efeito, que, se a nossa morada terrestre, esta tenda, for destruída, teremos no céu um edifício, obra de Deus, morada eterna, não feita por mãos humanas. Tanto assim que gememos pelo desejo ardente de revestir por cima da nossa morada terrestre a nossa habitação celeste”.

Tão certo estava Paulo da imortalidade que, no fundo do seu coração, desejava ardentemente o momento em que ele, na condição de espírito, iria revestir-se do corpo espiritual, feito por Deus, não por mãos humanas, que só são capazes de produzir, por atribuição de Deus, o corpo físico.

1Ts 5,23: "O Deus da paz vos conceda santidade perfeita; e que o vosso ser inteiro, o espírito, a alma e o corpo, sejam guardados de modo irrepreensível para o dia da Vinda de nosso Senhor Jesus Cristo”.

As três partes que aqui agora Paulo atribui ao ser humano, pode ser muito bem a forma pela qual também nos atribuímos a ele: Espírito, perispírito e corpo físico.

Hb 4,12: "Pois a palavra de Deus é viva, eficaz e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes; penetra até dividir alma e espírito, juntas e medulas”.

Confirmando a passagem anterior sobre o entendimento, que estamos falando ao longo desse estudo, que diferenciavam alma e espírito, ou seja, eram para eles duas realidades distintas.

Hb 12,9: *"Nós tivemos nossos pais segundo a carne como educadores, e os respeitávamos. Não haveremos de ser muito mais submissos ao Pai dos espíritos, a fim de vivermos?"*

Comparação interessante essa, que o autor de Hebreus faz em relação a Deus: *"Pai dos espíritos"*. Quer dizer, sabia perfeitamente que nossa verdadeira condição é a espiritual, igual à de Jesus antes de encarnar aqui na terra.

Tg 2,26: *"Porque, assim como o corpo sem espírito é morto, assim também a fé sem obras é morta"*. (Bíblia Shedd)

Tg 4,5: *"Ou julgais que é em vão que a Escritura diz: Ele reclama com ciúme o espírito que pôs dentro de nós?"*.

De fato, para nós também corpo sem espírito é morto, o espírito vive sem o corpo; porém o corpo não vive sem o espírito. Ao ser colocado o espírito dentro de nós, pela ação divina, é que passamos a ser seres viventes.

1Pe 4,6: *"Eis por que a Boa Nova foi pregada também aos mortos, a fim de que sejam julgados como os homens na carne, mas vivam no espírito, segundo Deus"*.

Entendemos que o *"sejam julgados como os homens na carne"*, quer dizer, quando estavam encarnados como homens, pois agora, depois de mortos, estão vivos no espírito, ou seja, *"homens fora da carne"*.

2Pe 1,13-15: *"Entendo que é justo despertar-vos com as minhas admoestações, enquanto estou nesta tenda terrena, sabendo que em breve hei de despojar-me dela, como, aliás, nosso Senhor Jesus Cristo me revelou. Assim farei tudo para que, depois da minha partida, vos lembreis sempre delas"*.

Da mesma forma que Paulo, o apóstolo Pedro também compara o corpo físico com uma tenda, da qual iria se despojar, portanto, ele acreditava na vida espiritual.

1Jo 3,2: *"Amados, desde já somos filhos de Deus, mas o que nós seremos ainda não se manifestou. Sabemos que por ocasião desta manifestação seremos semelhantes a ele, porque o veremos tal como ele é"*.

Está tudo conforme já afirmamos anteriormente sobre a igualdade de Jesus conosco. Seremos semelhantes a ele e o veremos tal como é, em outras palavras, seremos espíritos e nessa condição é que conseguiremos vê-lo, pois no corpo físico não temos plenamente desenvolvida a faculdade que nos permite vê-lo como ele realmente é.

1Jo 4,1-3: *"Amados, não acrediteis em qualquer espírito, mais examinai os espíritos para ver se são de Deus, pois muitos falsos profetas vieram ao mundo. Nisto reconhecereis o espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio na carne é de Deus; e todo espírito que não confessa Jesus não é de Deus; é este o espírito do Anticristo"*.

Se tivermos que os espíritos são seres humanos que morreram, está aí mais uma prova que sobrevivemos à morte. João recomenda prudência ao entrar em contato com eles, para não acreditar em tudo que falam, pois também no mundo espiritual existem os falsos profetas.

Mas, voltando à questão das manifestações de espíritos, é necessária uma análise especial de uma passagem bíblica, dadas as traduções de conveniência, que tiram dela esse caráter. A passagem é 2Pe 1,13-15, cujo livro, segundo os entendidos, foi escrito em 66 d.C.; vamos transcrevê-la do Novo Testamento – Ed. Loyola. Para não ficar repetindo-a, iremos colocar das outras traduções apenas as expressões que, para realce, destacamos nessa, obedecendo à mesma ordem em que aparecem no texto:

1 - Novo Testamento - Ed. Loyola: *"Sim, creio ser do meu dever, enquanto habitar nesta tenda, estimular-vos com minhas exortações. Estou ciente de que logo verei"*

desarmar esta tenda, conforme Nosso Senhor Jesus Cristo me deu a conhecer. Mas, eu farei todo o possível para que, em toda ocasião, depois de minha morte, vos lembreis destas coisas".

2 - **Anotada (Protestante)** - *estou neste tabernáculo; prestes a deixar o meu tabernáculo; mesmo depois de minha partida;*

3 - **Vozes** - *habitar nesta tenda; breve verei desarmada minha tenda; depois de minha partida;*

4 - **Bíblia de Jerusalém** - *estou nesta tenda terrena; breve hei de despojar-me dela; depois da minha partida;*

6 - **Novo Mundo (protestante)** - *estiver nesta habitação; breve se há de eliminar a minha habitação; depois da minha partida;*

7 - **Edição Pastoral** - *estiver nesta tenda; breve devo despojar-me dela; depois de minha partida;*

8 - **Ave Maria** - *estiver neste tabernáculo; terei que deixá-lo; depois do meu falecimento;*

9 - **Paulinas** - *estou neste tabernáculo; deixarei o meu tabernáculo; depois da minha morte;*

10 - **SSB (protestante)** - *estiver neste tabernáculo, brevemente hei de deixar este meu tabernáculo; depois da minha morte;*

11 - **Santuário** - *estiver neste tabernáculo; breve terei de o deixar; depois da minha partida;*

12 - **Barsa** - *estou neste tabernáculo; logo tenho que deixar o meu tabernáculo, depois do meu falecimento;*

Para entendermos o que significam as palavras usadas, leiamos: *"Sabemos, com efeito, que, se a nossa morada terrestre, esta tenda, for destruída, teremos no céu um edifício, obra de Deus, morada eterna, não feita por mãos humanas".* (2Cor 5,1). Assim, acreditamos que as palavras "tabernáculo", "tenda" e "habitação" se referem ao corpo físico. O que percebemos nos tradutores é a desesperada tentativa de não deixar em evidência a influência espiritual de Pedro após sua morte física, pois foi isso que ele prometeu. Por outro lado, se essa carta foi escrita cerca de trinta e poucos anos depois da morte de Jesus, e por ela Pedro afirma que ele o havia dito que brevemente deixaria sua tenda (tabernáculo ou habitação), então o Mestre só poderia ter feito isso na sua condição de Espírito, o que prova a imortalidade.

Pedro vendo as manifestações de Jesus após a sua morte, e essa da qual fala, é muito provável que isso o levara a crer que também, depois que morresse, poderia, na condição de espírito, fazer o mesmo, porquanto o Mestre sempre se igualou a nós; nunca se colocou numa condição superior, inclusive dizendo algo bem próximo disso: *"tudo o que eu fiz vós podeis fazer e até mais"* (Jo 14,12).

Um outro detalhe interessante é que, mesmo considerando tabernáculo como um local sagrado onde se reuniam os cristãos primitivos e que, segundo pensavam os judeus, Deus o habitava (Ex 26,1; 25,21; Dt 31,26; Hb 9,4), ele pode muito bem ser comparado a uma tenda, ou morada. Mas, quando Pedro se reporta a ele mesmo, o tabernáculo ao qual se refere é justamente o próprio corpo (verso 14).

Sobre a intenção de Pedro, para que os novos Cristãos permanecessem no Evangelho, ele mostra que, mesmo depois de deixar o seu tabernáculo, ou seja, o seu espírito abandonar o corpo físico, ele viria a inspirá-los para que os fiéis continuassem no caminho, mesmo após a sua morte (verso 15). Destarte, se essa carta de Pedro foi escrita em 66 d.C., vemos que ele estava certo de que viria a morrer em breve, conforme anunciado por Jesus em espírito, já que o crucificaram, de cabeça para baixo, em 67 d.C. Traçando um paralelo ao esclarecimento de Pedro, quando ele se reporta ao próprio corpo como tabernáculo, entendemos que seja sobre uma habitação sagrada de seu espírito, podendo ainda inspirar os cristãos primitivos, mesmo após a morte. Enfim, pelo que podemos concluir, o espírito sobrevive e é plenamente

consciente após a morte do corpo.

Conclusão

De nossa parte, não há dúvida alguma de que o nosso espírito é imortal. E se não fosse imortal, de que nos serviria a religião? Para nós, a relação entre o mundo físico e espiritual pode ser facilmente comprovada no Novo Testamento. Senão vejamos:

Primeiro, em Paulo, que disse *“A propósito dos dons do Espírito, irmãos, não quero que estejais na ignorância”* (1Cor 12,1), quando passa a dar orientação sobre a mediunidade, vista por ele, como “dons do Espírito”, e entendida pelos teólogos como “carismas”. Na sequência, Paulo orienta:

1Cor 12,4-11: “Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo; diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo; diversos modos de ação, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos. Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos. A um, o Espírito dá a mensagem de sabedoria, a outro, a palavra de ciência segundo o mesmo Espírito, a outro, o mesmo Espírito dá a fé; a outro ainda, o único e mesmo Espírito concede o dom das curas; a outro, o poder de fazer milagres; a outro, a profecia; a outro, o discernimento dos espíritos; a outro, o dom de falar em línguas, a outro ainda, o dom de as interpretar. Mas é o único e mesmo Espírito que isso tudo realiza, distribuindo a cada um os seus dons, conforme lhe apraz”.

Esses “dons do Espírito” não são outra coisa senão a mediunidade, que também possui vários tipos, além de todos esses discriminados nessa passagem. Muitos creem que aí existe a manifestação do Espírito Santo, que, em todos esses “dons”, é ele quem age; mas, se assim fosse, então não haveria necessidade de analisar o que os profetas estivessem falando, conforme recomendou Paulo em 1Cor 14,29. Por outro lado, devemos observar que, quando ele diz “o dom de discernimento dos espíritos”, como está no plural não pode ser o Espírito Santo; por isso, o que ele está falando é da possibilidade do médium (profeta) poder identificar se o espírito que se manifesta é bom ou mau.

João, também, recomendou algo a respeito disso; leiamos: *“Amados, não acrediteis em qualquer espírito, mas examinai os espíritos para ver se são de Deus, pois muitos falsos profetas vieram ao mundo”.* (1Jo 4,1), cujo sentido é o mesmo que podemos ver em Paulo, quanto ao discernimento dos espíritos. Se havia necessidade disso é porque se apresentavam duas categorias de espíritos: os bons e os maus, esses últimos conhecidos como os demônios. Sobre eles, vejamos a opinião de Nielsson:

Como sabemos, os demônios são, no Novo Testamento, a antítese dos bons espíritos. E sabemos pelo bem conhecido historiador judeu Josefo que uma parte, ao menos, da humanidade contemporânea do Cristo não considerava os demônios como anjos decaídos, mas como almas de homens mortos maus. (NIELSSON, 1983, p. 91).

Desenvolvemos, no decorrer desse estudo, análise de vários textos bíblicos de forma que pudéssemos ter a consciência de que nossa essência verdadeira é a espiritual, ou seja, somos, em realidade, espíritos. A manifestação dos espíritos, Samuel, Moisés, Elias e a do próprio Jesus, vêm também provar tanto a nossa realidade espiritual quanto ao fato de possuímos, nessa condição, a imortalidade. Todas essas análises, observadas em conjunto, podem nos dar certeza de que temos uma alma ou espírito, que ela sobrevive à morte do corpo físico, que ele, o espírito, é consciente nessa situação, que pode se comunicar com os vivos e que, finalmente, ele é imortal.

Embora mereça todo o nosso respeito, a Bíblia para nós, que acreditamos estar tudo dentro de leis naturais, não é a base fundamental para provarmos a imortalidade da alma. Preferimos aliar à Ciência, pois estamos do lado da infalibilidade de Deus, não da Bíblia, nem de homens, já que a divindade, na qual acreditamos, se revela pela perfeição de suas leis que regem tudo no Universo. Assim, tudo quanto a Ciência vier a constatar, estará, no fundo, revelando as leis criadas por Deus. Portanto, em última instância, estará dizendo, afirmando e comprovando a Sua sabedoria e grandeza incomensuráveis.

Colocaremos um trecho do discurso de Howard C. Wilkinson (1918-2002), feito em setembro de 1996, constante do livro *Parapsicologia Atual*, de J. B Rhine (1895-1980), no qual ele aborda o tema Parapsicologia e Religião:

[...] Os experimentos de telepatia têm apresentado evidência maciça para apoiar o ponto de vista de que a consciência humana tem poderes perceptivos que transcendem as limitações do espaço. Isso tem significação especial para todos que estão preocupados com a natureza do homem, pela razão de que Einstein, Minkowski e Lorentz, tornaram claro que a teoria da relatividade, cuja verdade foi confirmada de que o espaço e o tempo são dois aspectos da mesma realidade física, e que tudo quanto seja capaz de transcender as limitações do espaço tem demonstrado, em consequência, sua capacidade para transcender o tempo. A transcendência das limitações físicas de espaço e tempo pareceria ser essencial para dar realidade à doutrina cristã da existência pessoal para além da morte do corpo. (WILKINSON, 1966, p. 211) (grifo nosso).

A conclusão desse cientista é bem favorável à questão da vida após a morte.

Apenas para não deixar de citar, pois não queremos analisá-las aqui nesse estudo, iremos mencionar as pesquisas que, mais cedo do que muitos pensam, farão com que a Ciência deixe de lado todos os tipos de preconceitos e assumam de vez a realidade do Espírito. Atualmente, estão sendo desenvolvidas as seguintes pesquisas, que, de uma forma ou de outra, acabam por referendar a questão da imortalidade da alma: Experiência de Quase Morte - EQM, Transcomunicação Instrumental, Experiência fora do corpo – OBE, Reencarnação, Terapia Regressiva a Vivências Passadas, Materializações de Espíritos e, finalmente, a Parapsicologia, quando não travestida de características dogmáticas das religiões.

Esperamos, caro leitor, que tenhamos lhe fornecido elementos suficientes para sua própria conclusão. Nosso objetivo foi esse, ou seja, colocar à sua disposição várias passagens bíblicas, para que também você faça a sua análise. Não temos a pretensão de fazer com que todos pensem como nós; aliás, ninguém mesmo terá essa obrigação, apenas quisemos lhe oferecer um estudo que sirva de base para sua reflexão sobre o assunto.

Paulo da Silva Neto Sobrinho
Jan/2007.
(revisado jan/2012)

Referências Bibliográficas:

- A Bíblia Anotada. 8ª edição, São Paulo: Mundo Cristão, 1994.
- Bíblia de Jerusalém. nova edição, revista e ampliada, São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia do Peregrino. edição brasileira, São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia Mensagem de Deus - Novo Testamento. São Paulo: Loyola, 1984.
- Bíblia Sagrada, 37ª edição, São Paulo: Paulinas, 1980.
- Bíblia Sagrada, 5ª edição, Aparecida-SP: Santuário, 1984.
- Bíblia Sagrada, 68ª edição, São Paulo: Ave Maria, 1989.
- Bíblia Sagrada, 8ª edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.
- Bíblia Sagrada, Edição Barsa, s/ed. Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965.
- Bíblia Sagrada, Edição Pastoral. 43ª impressão. São Paulo: Paulus, 2001.
- Bíblia Sagrada, Edição Revista e corrigida, Brasília, DF: SBB, 1969.
- Bíblia Sagrada. 14ª imp. São Paulo: Sociedade Bíblia Católica Internacional e Paulus, 1995.
- Bíblia Sagrada. Edição Popular, 3a. ed. São Paulo: Paulinas, 1977
- Bíblia Sagrada. s/ed. São Paulo: SBTB, 1994.
- Bíblia Shedd, 2ª edição. São Paulo: Vida Nova; Brasília: SBB, 2005.
- Escrituras Sagradas, Tradução do Novo Mundo das. Cesário Lange, SP: STVBT, 1986.

- CALÇADA, L. *CD-Rom Livros Sagrados 2*. Local: (?), data: (?).
- ANDRADE, H. G. *Parapsicologia uma visão panorâmica*, Bauru, SP: Jornalística FE, 2002.
- DENIS, L. *Cristianismo e Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- KARDEC, A. *A Gênese*. Rio de Janeiro: FEB, 1995.
- RHINE, J. B. e BRIER, R. *Parapsicologia Atual*, São Paulo, Cultrix, 1968.
- JOSEFO, F. *História dos hebreus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.
- MONLOUBOU, L. e DU BRUIT, F.M. *Dicionário Bíblico Universal*, Petrópolis, RJ, Vozes; Aparecida, SP: Editora Santuário, 1996.
- NIELSSON, H. *O Espiritismo e a Igreja*, São Bernardo do Campo, SP: Correio Fraternal, 1983.
- SILVA, S. C. *Analisando as Traduções Bíblicas: refletindo a essência da mensagem bíblica*, João Pessoa, PB: Ideia, 2001.
- WILKINSON, H. C. Parapsicologia e Religião in: RHINE, J. B. e BRIER, R. *Parapsicologia Atual*, São Paulo, Cultrix, 1968, p. 210-214.